

GAZETA

VALSASSINA

abril 2019
número 70



Educar
para uma consciência cidadã

Índice

Editorial	1
Entrevista ao Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa	2
Cartão de cidadão Um documento de Cidadania	3
Entrevista ao Presidente da Junta de Freguesia de Marvila, José António Videira	4
Escola Inclusiva	6
A expressão dramática no desenvolvimento pessoal e social dos alunos	8
Consciência para Responsabilidade Social	10
“Ajuda como podes”	12
Entrevista com a historiadora Irene Pimentel	14
Entrevista com Maria Carreira	16
Como aprender a ser cidadão sem o praticar em contexto?	18
Nós Somos do Tecido de que são feitos os Sonhos	19
O contributo do ensino experimental das ciências para a construção de uma cidadania ativa	20
School Public Speaking	22
Não quero dormir agora	24
O Cérebro e o Mar	25
Projeto: O Cérebro e o Mar	26
Escola Azul, Educar para a literacia do oceano: Uma questão de cidadania	28
Literacia musical e sensibilização artística: uma experiência interdisciplinar das artes	29
Traces and Writings in History. A propósito da viagem da laranja doce pelo mundo.	30
Entrevista com o Professor e Investigador Miguel Mochila	32
Somos do tamanho do que vemos	34
Entrevista com a escritora Alice Vieira	36
Alguns poemas de amor...	38
Brincando com as letras	39
“Sou mais do que eu”	40
Oficinas da humanidade	41
Viver e conhecer a História	42
Projeto: Painel – Desenho de desenhos	44
Profissões do Futuro: Preparar os alunos para um mundo em mudança	45
Valsassina mantém sucesso nos Rankings	46
Quadro de Honra 1.º P 2018/2019	47
Colégio em Ação...	49
Aconteceu...	51
Aconteceu do desporto...	52

FICHA TÉCNICA

Fundadores **Frederico Valsassina Heitor**
Maria Alda Soares Silva e seus Alunos
Diretor **João Gomes**
Direção Editorial **Joana Baião**
Paginação e Impressão **idg · Imagem Digital Gráfica**
Propriedade **Colégio Valsassina**
Tiragem 1700 exemplares

Colégio Valsassina
Quinta das Teresinhas,
1959-010 Lisboa
218 310 900
218 370 304 fax
geral@cvalsassina.pt
www.cvalsassina.pt

Durante muito tempo, os saberes básicos estiveram essencialmente ligados às três competências clássicas do ler, escrever e contar. Não há dúvidas de que estas três competências assumem um carácter estruturante para a qualidade de vida e para a valorização pessoal de cada um. Mas serão suficientes para os cidadãos do século XXI?

A imprevisibilidade característica do mundo atual coloca desafios constantes à educação. O conhecimento científico e tecnológico desenvolve-se a um ritmo de tal forma intenso que somos confrontados diariamente com um crescimento exponencial de informação a uma escala global. Ao mesmo tempo que se assiste a uma melhoria dos indicadores sociais básicos, a globalização e o progresso tecnológico também contribuíram para o aumento das desigualdades no acesso aos direitos fundamentais. Hoje vivemos num mundo com problemas globais como as alterações climáticas, os extremismos, as desigualdades no acesso aos bens e direitos fundamentais e as crises humanitárias, entre outros.

Assim, pensar em cidadãos do século XXI corresponde a pensar no futuro do planeta, em termos sociais e ambientais, o qual depende da formação de cidadãos com competências e valores não apenas para compreender o mundo que os rodeia, mas também para procurar soluções que contribuam para nos colocar na rota de um desenvolvimento sustentável e inclusivo.

É por isto que, atualmente, os saberes básicos devem integrar conhecimentos, capacidades, atitudes e estratégias. Devem ser orientados para a ação e ter como base *Educar para uma consciência cidadã*, que se traduza em comportamentos, atitudes e numa determinada forma de ser, de estar e de fazer, em que cada um encare as questões da sociedade com a mesma prioridade com que aborda os seus problemas individuais.

É por isso que estudar no Valsassina é ir além das aprendizagens dos conteúdos programáticos, desenvolvendo outras competências para uma formação integral, equilibrada e completa dos nossos alunos. Como? Desafiando os nossos alunos a envolverem-se em projetos; intervindo na comunidade local; saindo dos limites da escola; dando-lhes mundo através do encontro com escritores ou pela participação em congressos (nacionais e internacionais); levando-os a pensar “fora da caixa”. Por outras palavras, *Educar para uma consciência cidadã* (só) é possível numa escola que seja, ela mesma, cidadã, institucionalmente e na sua prática.

Neste processo, não posso deixar de referir o pa-

pel da família e dos pais em particular. São estes os primeiros responsáveis pela educação dos seus filhos e os principais transmissores dos valores que estão na base das atitudes e dos comportamentos que enquadram o exercício da cidadania. O binómio família/escola define o quadro de referências que educam a criança e o adolescente, pelo menos, até ao fim da escolaridade obrigatória.

Nesta edição da Gazeta Valsassina apresentamos várias experiências de aprendizagem que visam mais do que transmitir conhecimentos, possibilitar, pela experiência e pela vivência de situações, uma tomada de consciência que leva:

- ao conhecimento do próprio "eu" individual e único: através, por exemplo, da expressão dramática com alunos do 1.º ano, do Grupo de Teatro com alunos do 3.º ciclo e secundário, e da Filosofia para Crianças com os alunos de 5 anos;
- ao reconhecimento do papel que o indivíduo desempenha na sociedade: através de debates, reflexões e de projetos de investigação;
- a agir em defesa dos valores e princípios que norteiam o humanismo equilibrado: através de ações na comunidade local e da valorização do papel e da presença de cada um (ao invés da frieza e distância das redes sociais);
- ao respeito pelas diferenças culturais, religiosas e ideológicas: através da promoção de uma escola inclusiva.

Recupero as palavras de Frederico César Valsassina que em 1948 escreveu: *desde a sua fundação que a escola [Valsassina] não se preocupou exclusivamente com o ensino e a educação dos seus alunos e procurámos, por todas as formas, dar aos estudantes conhecimentos que não era possível dar nas aulas (...) nos campos da ciência, letras, artes e desporto*. Cada vez mais, o desempenho da cidadania exige um grande esforço coletivo e individual. Nascemos seres humanos mas tornamo-nos cidadãos.

Com 120 anos de história, e (sempre) a olhar para o futuro, reforçamos o nosso compromisso de promover um significativo investimento na educação e na aquisição de competências, tendo em vista o crescimento equilibrado dos nossos alunos, cada um com a sua personalidade própria e com valores sociais e éticos.

EM DESTAQUE **Entrevista ao Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa**

Entrevista realizada pelos alunos das turmas 12.º2 e 12.º 3



Desenho elaborado pelos alunos do 3.º C.

Quando iniciámos as aulas da disciplina de Ciência Política perguntei aos alunos qual o político português que mais admiravam e com o qual gostavam de conversar um pouco. A resposta foi unânime: O Presidente Marcelo Rebelo de Sousa.

As perguntas sugeridas foram muitas, mas, como havia um limite de cinco, os alunos optaram pelas que se seguem, às quais o Presidente da República não hesitou em responder e enviar pessoalmente.

Agradecemos ao assessor Paulo Magalhães a colaboração em todo o processo.

Luís Marinho Professor de Ciência Política

“... o que faz a diferença no desenvolvimento humano entre as sociedades é precisamente o conhecimento.”

Considera suficientes os poderes do Presidente da República, ou deveriam ser aumentados?

Parecem-me equilibrados e permitindo dar respostas adequadas a situações concretas muito diversas e até a estilos presidenciais diferentes.

O Senhor Presidente introduziu um estilo diferente na sua relação com os cidadãos, sendo já conhecido como o “Presidente dos afetos”. Alguns comentadores consideram que se trata de populismo. Como comenta estas acusações?

Estar próximo das pessoas, para melhor as entender, e para antecipar e prevenir questões, problemas, conflitos, clivagens excessivas ou indesejáveis e fomentar reflexões, ponderações e convergências essenciais não é ser-se populista, é evitar-se os chamados populismos. É usar a legitimidade da proximidade e da sintonia popular contra esses ditos populismos. E os portugueses, com a sua generosidade, têm compreendido a minha postura, de forma constante, ao longo de mais de três anos pós-eleição, apesar de situações difíceis como a estabilização da banca e as dificuldades de financiamento da economia em 2016, as tragédias dos incêndios e o caso de Tancos em 2017, as tensões sociais e momentos de luto como o de Borba em 2018 e o clima eleitoral muito intenso em 2019. Neste contexto, poder estar próximo com acolhimento transversal e merecer a adesão de cerca de 70% em inquéritos, mesmo os mais críticos, é uma razão de reconhecimento adicional aos portugueses.

Na sua perspetiva, quais são os grandes perigos que ameaçam as sociedades atuais.

A aceleração do tempo e o alargamento do espaço, o aumento do fosso entre os mais ricos, poderosos, influentes e os mais pobres, dependentes e explorados, acentuado pela exclusão no conhecimento e, nela, a infoexclusão, as clivagens de idade em particular nas sociedades mais envelhecidas, a solidão em vez da solidariedade, a incapacidade de muitas instituições vindas do século XX, ou até do começo deste século, enfrentarem os novos desafios destes tempos, o sacrifício de valores baseados no respeito da dignidade das pessoas ao egoísmo relativista ou oportunista das conveniências de cada momento.

Que lugar deve ter a Educação nas prioridades de qualquer governo?

A educação deveria ser, para todos os portugueses, a prioridade das prioridades. O que não acontece. Infelizmente, muito poucos, no dia a dia e ao votarem, colocam a educação no topo das suas preocupações. O que determina que não esteja, também, no topo das preocupações dos decisores políticos. Ora, o que faz a diferença no desenvolvimento humano entre as sociedades é precisamente o conhecimento.

O Colégio Valsassina está a comemorar o seu 120.º aniversário. Que mensagem gostaria de nos enviar?

O Valsassina, que conheço e aprecio desde a minha adolescência, tem um passado notável. O que desejo é que tenha sempre um futuro à medida desse passado. Tenho a certeza de que o terá!

Cartão de cidadão Um documento de Cidadania

Maria Alda Soares Silva Diretora dos Departamentos Didáticos

Todas as crianças, a partir do 20.º dia após o nascimento, têm, obrigatoriamente, o seu cartão de cidadão.

Perante o Estado e perante a Sociedade assim são reconhecidas.

Sabemos, contudo, que “ninguém nasce cidadão”, a família, a escola, a sociedade, as instituições, o acesso à cultura, à informação, são responsáveis pela formação de um cidadão.

A família é o primeiro microcosmos em que comecemos a reconhecer o nosso papel e o dos outros membros. O respeito, a afetividade, as normas de higiene, a alimentação, os horários, a partilha, aí se criam e se fomentam. Sabemos que, nos primeiros anos, a criança é egocêntrica, vê-se como centro de tudo o que acontece em seu redor, acredita que todos pensam como ela (irreversibilidade), mas isso não pode impedir os pais de a ensinar a partilhar brinquedos, jogos, lanches, quer com outras crianças, quer com adultos. Cabe aos pais ensinar as regras, fazer respeitar rotinas, ensinar as crianças a saber ouvir e ser ouvidas. Dar e receber afetos não tem a ver com ser permissivo. Podemos dizer que é na família que se está a lançar a semente de uma consciência cidadã.

Crianças que não respeitam o outro, seja ele quem for, pais, avós, irmãos, dificilmente respeitarão os educadores, os colegas, e todos os outros com quem vão conviver, durante as horas em que estiverem nos jardins de infância e, mais tarde, nos anos de escolaridade obrigatória e na sociedade.

E agora a escola: o cidadão quer-se autónomo e responsável e, desde cedo, a escola deve incentivar a autonomia, na sala de aula, no refeitório, nos recreios. O futuro cidadão tem de saber encontrar soluções, colaborar com os outros, fazer um trabalho

cooperativo em que as diferenças são bem-vindas e bem aceites. Cabe à escola fomentar a criatividade, ensinar a pensar, a comunicar, a adaptar, a colaborar, a respeitar os outros, a natureza, o património, partindo do respeito por si próprio.

A democracia é um bem cultural, um valor presente no nosso quotidiano; para a praticar na escola é preciso que os alunos tenham a consciência da sua importância, cabe aos professores valorizar o ensino da História, da Geografia, da Filosofia, das disciplinas de Humanidades que conduzem a uma consciência do Passado e do percurso da Humanidade, para evitar erros e valorizar a procura do bem comum. A aprendizagem das línguas estrangeiras deve levar a uma competência comunicativa e, por acréscimo, ao contacto com outras culturas, outros povos. Nestas disciplinas faz-se um trabalho sobre culturas, sobre diferenças e sobre a tolerância que advém de percebermos o Outro e de aprendermos a aceitar, acarinhar, outra língua e outra forma de ser.

O trabalho por projetos, tão implementado nas disciplinas de carácter científico e artístico, é um exercício de cidadania, recolher dados, analisá-los e emitir juízos de valor, tomar decisões são etapas determinantes para a formação de cada cidadão que se quer ativo e participativo. A Matemática, aproximando o aluno do real, desenvolve o processo de autonomia e promove uma atitude crítica e reflexiva. A Educação Física e o Desporto contribuem para o desenvolvimento saudável do espírito de grupo, de um sentido de competitividade que não pode excluir a importância do Outro.

Em suma, todas as disciplinas, numa perspetiva interdisciplinar, tornarão cada criança, cada jovem, um cidadão interventivo, participativo, alguém que, consciente dos Direitos e Deveres, intervém criativamente na história da sociedade a que pertence.

“... um trabalho cooperativo em que as diferenças são bem-vindas e bem aceites.”

Nunca é demais lembrar o que o grande pensador Edgar Morin dizia na sua obra Os Sete Saberes Necessários à Educação Futura, Unesco, 2000 (1.ª edição):

- Considerar erros e ilusões constantes nas conceções
- Construir o conhecimento pertinente
- Reaprender a nossa própria condição humana
- Reconhecer a nossa identidade terrena
- Enfrentar incertezas constantes no conhecimento científico
- Ensinar a compreensão e o entendimento por meio do diálogo
- Discutir e exercitar a ética”

EM DESTAQUE

Entrevista ao Presidente da Junta de Freguesia de Marvila, José António Videira



“... as escolas são locais de excelência para imprimir mudança e promover ações que favoreçam o bem-estar biopsicossocial.”

“... o Colégio Valsassina tem abarcado diversas áreas, desde a responsabilidade social, a projetos que promovem a preservação do ambiente, destacando-se sempre pela criatividade, empenho e dedicação.”

Quais são os principais desafios e dificuldades que a freguesia de Marvila enfrenta?

Tem-se verificado na freguesia de Marvila, ao longo destes 60 anos, um progresso considerável a vários níveis: habitacional, educativo, comunitário e económico. Pese embora este importante desenvolvimento, continuam a existir desafios com que nos deparamos diariamente e para os quais direcionamos a nossa intervenção. Na Educação, e face às dificuldades diagnosticadas, temos investido progressivamente no melhoramento do parque escolar, na abertura e consolidação de respostas educativas e na promoção de uma oferta diversificada a nível artístico, desportivo, pedagógico e terapêutico (com principal enfoque no pré-escolar e no 1.º ciclo). Em relação às outras áreas, nomeadamente no espaço público, tem-se potenciado a beneficiação ao nível dos lugares de estacionamento, passeios e acessibilidades, bem como a adequação dos parques infantis; na ação social, através do Regulamento dos Apoios Sociais dá-se resposta a cada vez mais situações de vulnerabilidade socioeconómica das famílias e, no que diz respeito à Juventude, Cultura e Desporto, investe-se continuamente a nível associativo, difundindo as boas relações colaborativas entre as entidades.

A "Quinta das Teresinhas" (ou da Boa Vista, designação que consta nos documentos mais antigos) era uma das propriedades rústicas e urbanas dos arredores de Lisboa. Em novembro de 1948 foi adquirida a Quinta das Teresinhas onde funciona atualmente o Valsassina. Atualmente, a Junta de Freguesia de Marvila está a comemorar 60 anos e o Colégio Valsassina 120 anos de história. Como vê o “crescimento” e a ligação destas duas instituições ao longo das últimas décadas?

Tanto o Colégio Valsassina como a Junta de Freguesia de Marvila têm, ao longo das últimas décadas, registado um crescimento considerável, que é demonstrativo da evolução deste território. A ligação entre estas duas instituições tem-se fortalecido e na atualidade reveste-se de uma importância significativa, pois são cada vez mais as iniciativas, atividades e dinâmicas que ambas as entidades partilham e desenvolvem colaborativamente, potenciando-se desta forma os dois organismos e todos aqueles e aquelas que deles usufruem.

O Colégio Valsassina tem contribuído em larga escala para o bem-estar e desenvolvimento da freguesia de Marvila, porque, apesar de ter a Educação como cerne, privilegia outras áreas que revertem em prol da sociedade, desde a responsabilidade social, às questões do ambiente/ecologia, às preocupações com o espaço público, à dinamização do desporto e da cultura.

Qual deve ser o papel das autarquias, junto das escolas, na promoção de uma Educação para a Cidadania? Que tipo de iniciativas são

promovidas pela Junta de Freguesia de Marvila nesta área?

As autarquias, como poder local e dada a proximidade às populações, têm um conhecimento privilegiado dos territórios e desta forma podem encetar ações que vão ao encontro das necessidades e interesses de todos. A Educação para a Cidadania não é exceção e deve ser transversal a todos os contextos e faixas etárias. Em Marvila, esta é uma das nossas bandeiras e através do Conselho Educativo, mais propriamente na sua versão CEM Júnior, onde se dá voz às crianças e jovens da freguesia (por acreditarmos que eles são promotores de mudança positiva), desenvolvemos ações que visam melhorar o futuro de todos. Ainda muito recentemente tivemos a 3.ª Edição do CEM Júnior, sob o tema “Eu sou porque tu és: Viver Marvila” que juntou, a 7 novembro de 2018, no Colégio Valsassina, cerca de 130 crianças e jovens (do Pré-Escolar até ao Ensino Secundário) de 18 equipamentos de ensino de Marvila, distribuídos por 8 grupos de trabalho. Neste encontro os alunos trocaram ideias, partilharam opiniões e debateram a importância, os aspetos positivos e a melhorar, da comunidade em que vivem e das escolas que frequentam. As principais conclusões retiradas e apresentadas depois pelos alunos, passam por promover atividades que favoreçam o bem-estar comunitário e a boa vizinhança, desde campanhas de limpeza nos bairros, abrigos para animais, ações de sensibilização e fóruns de debate, intercâmbios entre escolas reforçando a importância de atividades conjuntas, até à realização de um Festival Educativo anual onde se apresente o que de melhor se faz nas escolas da freguesia.

Qual a importância da relação Escola – Comunidade local?

A Educação é basilar na estruturação de qualquer povo, pelo que acreditamos que as escolas são locais de excelência para imprimir mudança e promover ações que fa-

voreçam o bem-estar biopsicossocial. As crianças e jovens vivem em múltiplos contextos, começando pela família e abrangendo todos os outros que estão à sua volta, tais como a escola e a comunidade. Desta forma, quanto mais estreita for a relação entre a escola e a comunidade local, mais coesa, concertada e colaborativa será a intervenção e os objetivos serão, certamente, alcançados, de modo mais célere e adequado.

Em Marvila, a importância desta relação está amplamente difundida e em particular no que concerne ao Colégio Valsassina, um dos exemplos desta parceria e relevância para o território, traduz-se na atribuição do topónimo Largo Frederico Valsassina (Pedagogo, 1930-2010) ao arruamento Largo à Azinhaga da Bela Vista.

Como caracteriza a participação dos alunos do Valsassina em projetos na comunidade local? Há algum projeto ou iniciativa que destaca?

O Colégio Valsassina tem primado ao longo dos anos pela participação ativa dos seus alunos e alunas em diversas iniciativas. Desta forma contribui não só para o envolvimento da comunidade escolar nestas atividades, mas também para o desenvolvimento de projetos com impacto no território. De uma forma transversal o Colégio Valsassina tem abrangido diversas áreas, desde a responsabilidade social, a projetos que promovem a preservação do ambiente, destacando-se sempre pela criatividade, empenho e dedicação. Ressaltamos a este nível o “Prémio João Valsassina – Intervenção Social”, criado com o objetivo principal de homenagear o legado de João Valsassina e destinado a apoiar projetos de intervenção na Freguesia de Marvila. Visa premiar alunos do 3.º Ciclo ou Secundário do Colégio Valsassina que se tenham destacado por evidenciar elevado sentido de sensibilidade social ao longo do seu percurso no Colégio.



Estendal dos Afetos

As turmas do 2.º Ciclo do Colégio Valsassina participaram na 2.ª edição do “Estendal dos Afetos” promovido pelo Grupo Comunitário da Flamenga e pela Junta de Freguesia de Marvila. Os trabalhos, que consistem em corações com mensagens de elogio, afeto e inspiração, foram colocados nos quiosques junto ao Colégio Valsassina e à Escola Luiza Neto Jorge.

Esta é uma iniciativa que procura envolver instituições da comunidade local e respetiva população, visando uma cidadania ativa e a partilha de afetos.

EM DESTAQUE **Escola Inclusiva**

Raquel Raimundo Coordenadora da Equipe Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva (EMAEI)

“... responder à diversidade das necessidades e potencialidades de todos e de cada um dos alunos...”



IGUALDADE



EQUIDADE

A diversidade não é a exceção à regra. O que é normal é existir uma enorme diversidade. Os alunos não aprendem todos ao mesmo ritmo e da mesma forma, nem com a mesma atitude, motivação e envolvimento. Tal acontece, não porque os alunos tenham distúrbios ou alterações patológicas, mas simplesmente porque são diferentes uns dos outros. Bem vistas as coisas somos uma espécie em evolução e, geralmente, a evolução caminha no sentido de uma maior diversidade (Gonçalves, 2018).

A agenda 2030 da ONU – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável - apresenta como um dos seus objetivos assegurar uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade para todos. A introdução do Decreto-Lei nº54/2018, de 6 de Julho vem estabelecer “os princípios e as normas que garantem a inclusão, enquanto processo que visa responder à diversidade das necessidades e potencialidades de todos e de cada um dos alunos, através do aumento da participação nos processos de aprendizagem e na vida da comunidade educativa”.

A maior dificuldade é sempre a mudança de paradigma. A tendência mais comum é mudar sem mudar. “Isso implica vontades, práticas e aprendizagem cooperativa, porque uma escola só o é quando garante as melhores aprendizagens para todos os alunos” (Ministério da Educação/Direção Geral de Educação, 2018).

Para fazer face a este desafio é necessário um modelo de prevenção e de promoção das aprendizagens e do sucesso escolar, bem como da saúde psicológica e bem-estar. É importante operar de modo consistente ao longo do currículo, do ambiente escolar e dos serviços escolares, de forma integrada em programas, equipas e estruturas na escola e também em parceria com estruturas fora dela (Ramalho, 2018).

A atual legislação vem colocar o foco nas respostas educativas e não em categorias de alunos. Abandona uma conceção restrita de apoio para alunos com necessidades educativas especiais, para considerar um modelo de ação de todos e para todos, abrindo a porta à implementação de um conjunto integrado de medidas de suporte à aprendizagem, por níveis de intervenção.

O diagnóstico continua a ser uma possibilidade, embora deixe de ser prioritário. Prioritário é intervir tão cedo quanto possível, sem a obrigatoriedade de uma avaliação centrada no diagnóstico, de um relatório ou de uma classificação escolar específica. Quando presente, a avaliação passa a ser mais contextualizada, compreensiva, ecológica e sistémica por referência ao currículo e provas estandardizadas e não apenas centrada no aluno (Gonçalves, 2018).

Numa abordagem multinível, os níveis variam em termos do tipo, intensidade e frequência das in-

tervenções e são determinados em função da resposta dos alunos às mesmas. O desenho universal para a aprendizagem torna-se mais saliente, com o esforço essencial a ocorrer ao nível das medidas universais (para todos os alunos), as quais deverão constituir cerca de 75 a 80% do esforço envolvido neste processo. As intervenções de carácter universal visam uma atuação proativa e preventiva na promoção de competências e desenvolvimento das aprendizagens.

Mais do que pensar num conjunto de medidas mais restritivas, esta legislação foca-se na importância de utilização de medidas que podem ser úteis a todos e não apenas a alguns, centradas no espaço de aprendizagem da sala de aula, com utilização da diferenciação pedagógica e de acomodações curriculares. Medidas de diferentes níveis podem ser aplicadas simultaneamente, com vista ao sucesso académico, comportamental e social de todos os alunos, estimulando a realização máxima do potencial de cada um.

É ainda reforçada a autonomia do professor e dos técnicos para flexibilizar e diferenciar, para estruturar e organizar o currículo da forma que parecer mais adequada e mais eficaz. Salienta-se também a importância do desenvolvimento de processos de planificação da intervenção pedagógica que disponibilizem formas diversificadas de motivação e de envolvimento dos alunos, que equacionem múltiplos processos de apresentação de conteúdos a aprender e que possibilitem a utilização de diversas formas de ação e expressão por parte dos alunos.

Qualquer aluno pode, ao longo do seu percurso escolar, necessitar de medidas de suporte à aprendizagem, pelo que é assinalada a possibilidade de aplicação de medidas com carácter temporário/transitório. Monitorizar, de forma contínua, a evolução dos alunos é essencial para este desígnio, o qual reforça a valorização do processo e não apenas do produto.

Importa salientar que a implementação de práticas com base neste modelo inclusivo, integrado e abrangente requer a cooperação e colaboração entre diferentes profissionais da comunidade educativa. Dá-se destaque ao trabalho em equipa mul-



“Os alunos não aprendem todos ao mesmo ritmo e da mesma forma.”

tidisciplinar, constituída por docentes de todos os ciclos de ensino, psicólogos e uma técnica de educação especial. O que é solicitado à Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva (EMAEI) é que coordene um processo de transição, numa ótica de aprendizagem e melhoria contínua, apoiando a construção de um caminho que possa melhorar as práticas de inclusão já existentes no Colégio. Esta equipa é constituída por elementos permanentes e variáveis, com a finalidade de “sensibilizar a comunidade educativa para a educação inclusiva; propor as medidas de suporte à aprendizagem a mobilizar; acompanhar e monitorizar a aplicação de medidas de suporte à aprendizagem; prestar aconselhamento aos docentes na implementação de práticas pedagógicas inclusivas; acompanhar o funcionamento do centro de apoio à aprendizagem” (Decreto-Lei nº54/2018, de 6 de Julho).

Uma vez que os problemas socioemocionais e educacionais dos alunos (incluindo o insucesso escolar) são, habitualmente, multicausais, o seu impacto pode refletir-se em múltiplos contextos e sistemas, o que requer avaliações e intervenções alargadas, bem como a colaboração e/ou a intervenção de vários profissionais/recursos da comunidade. Tendo em consideração a multiplicidade de respostas e de intervenientes importa ter noção do papel e do contributo de cada um, pelo que o trabalho colaborativo é fundamental para o sucesso das intervenções e na implementação da atual legislação.

Referências bibliográficas

Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho

Gonçalves, D. (2018). Educação inclusiva: Desafios, IDEA's e boas práticas. Óbidos: Sinapis Editores.

Ministério da Educação/Direção geral da Educação (2018). Para uma educação inclusiva: Manual de apoio à prática.

Ramalho, S. (2018). A intervenção das psicólogas e dos psicólogos na promoção da qualidade das aprendizagens escolares para todos. Boletim de Informação dos Planos Integrados e Inovadores no Combate ao Insucesso Escolar, 5, 4-5.

EM DESTAQUE

A expressão dramática no desenvolvimento pessoal e social dos alunos

Maria João Craveiro Lopes Professora de Expressão Dramática



Gosto muito das aulas. Fazemos coisas divertidas e aprendemos coisas que não sabíamos que até podemos contar aos pais.

Rafael

“Este é o primeiro ano letivo em que a Expressão Dramática faz parte do currículo do 1.º ano, no Colégio Valsassina.”



As aulas de Expressão Dramática ajudam-me a melhorar a atenção e os gestos nos jogos de mímica.

Ana Sofia

A Expressão Dramática distingue-se do Teatro pela sua própria finalidade: a intenção não é a de formar atores, mas a de utilizar técnicas do Teatro — excetuando as técnicas conceituais do ator — e, sobretudo, técnicas lúdicas, para atingir o pleno desenvolvimento da expressividade e da necessidade de comunicação que a criança tem naturalmente. E é a partir do corpo, voz, objetos e ambiente que esse percurso cognitivo e afetivo se inicia e desenvolve.

Como afirma Leenhardt (1974), “o imaginário é o meio de expressão privilegiado da criança. Expressar a realidade representando-a e aprofundar deste modo a sua descoberta é talvez a sua atividade básica, rica e necessária, mas não se trata de uma comédia, não é teatro” (p.18). Ou seja, não se destina a um público e a uma apreciação crítica de talentos, mas ao envolvimento numa atividade de natureza pedagógica em que a criança *brinca a ser* e se organiza a si e aos outros em múltiplas situações de faz de conta, desenvolvendo o chamado jogo simbólico, tornando o ausente em presente e futuro. E fá-lo consciente de que está a experimentar, inicialmente usando frases como “agora eu era a mãe, agora eu era o cão”, sabendo que não o é. Com o tempo, o jogo dramático pode implementar-se com outras condições e exigências, sendo o professor quem estimula esta evolução, ajudando a criança a organizar-se e a ampliar o que sabe do mundo.

Nesta fase inicial do 1.º ciclo do Ensino Básico, aprende-se a saber interagir consigo e com o grupo-turma numa atividade que implica movimentação, o jogo passa a ter regras diferenciadoras do espaço de aula convencional, sendo fundamentais a autodisciplina, a capacidade de espera, a colaboração e associação com os outros, bem como a criação de pequenos espaços cénicos, para que a expressão dramática resulte.

Este é o primeiro ano letivo em que a Expressão Dramática faz parte do currículo do 1.º ano, no Colégio Valsassina. Deste modo, estamos a cumprir a função de considerar as artes como indispensáveis ao pleno desenvolvimento da criança. O documento do Ministério da Educação sobre Aprendizagens Essenciais e articulação com o Perfil dos Alunos deixa explícita a ideia de que esta área curricular se pode expandir a todos os ciclos do Ensino Básico como oferta de escola. Ficam assim clarificados os descritores do perfil dos alunos e o modo como podem progredir através da Expressão Dramática: conhecedor/culto, criativo/analítico, indagador/investigador, respeitador das diferenças do outro, organizador, comunicador, participativo/colaborativo, responsável/autónomo, cuidador de si e do outro, autoavaliador. Todo este processo é gradual, mas certamente contribui desde o seu início para que os alunos se sintam completos e felizes.

“Todo este processo é gradual, mas certamente contribui desde o seu início para que os alunos se sintam completos e felizes.”



Peter Slade, pedagogo de renome da arte dramática na educação, assegura que o saber dramático é “uma forma de arte por direito próprio”, contrariando a ideia de que estas atividades são somente de lazer: “ Não é uma atividade de ócio, mas antes a maneira de a criança pensar, comprovar, relaxar, trabalhar, lembrar, ousar, experimentar, criar e absorver” (p. 17).

Os domínios organizadores da Expressão Dramática situam-se nestes três eixos: Apropriação e Reflexão; Interpretação e Comunicação Experimental e Criação.

Resolver problemas e ser criativo são imperativos dos nossos dias, e este tipo de atividades promove nas crianças uma autoconfiança instintiva e um caminho para o trabalho em colaboração. Neste 1.º ano, exploramos situações diversas que aos poucos se vão complexificando, utilizando, primeiramente, as improvisações não-verbais (mímica e gesto interpretativo); em seguida, as verbais; e por fim, as que ligam verbais e não-verbais. Assistimos também a demonstrações artísticas que ampliam a sensibilidade e fruição estética dos alunos.

Todas estas atividades permitem uma interação muito peculiar consigo próprio e com os outros: podemos exprimir-nos de formas muito diversas, as nossas histórias e as dos outros podem ser encenadas e vividas, podemos inventar à medida que decorrem os exercícios e não há respostas certas ou erradas, podendo a imaginação fluir e organizar-se.



Nós aprendemos as coisas como se fosse teatro: já aprendemos como se tivéssemos um vidro à nossa frente, mas ele não está lá... estamos a fingir e a pensar umas coisas e a pensar dentro da nossa cabeça, conseguimos.

Teresa



Eu aprendo a lidar com o “feito dos outros”.

Tomás

Estamos a imaginar e a pensar.

Lourenço



Bibliografia

Leenhardt, P. (1974) A criança e a Expressão Dramática
Slade, P. (1978) O jogo dramático infantil. São Paulo: Summus,
http://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/ae_1oc_teatro.pdf

EM DESTAQUE

Consciência para Responsabilidade Social

Paulo Victória Professor de Educação Moral e Religiosa Católica

“... um "laboratório" de produção cultural, criação de valores e estímulo ao empreendedorismo e inovação.”

O CIJ é muito importante para mim por vários motivos. Desde as horas de estudo com o apoio dos explicadores do Valsassina, aos momentos de diversão, tudo isto me permite crescer a nível pessoal, social e adquirir mais maturidade. Se pudesse escolher mudar alguma coisa, renovaria a cozinha. É um espaço importante para nós e que poderia ser bastante melhor.

Naveed, 18 anos

Com o CIJ, aprendi muito. O Centro representa uma abertura na minha vida, ajudando-me a compreender aquilo que serei no futuro. Permite-me ver aquilo que virá a seguir. É uma segunda casa para mim.

Patrícia Jasmal, 18 anos

O *Jornal Oficial da União Europeia* publicou, em dezembro de 2006, a recomendação do Parlamento e do Conselho Europeu sobre 8 macro competências que se deviam desenvolver de uma forma permanente no Ensino Escolar de todos os países da União.

Estas competências europeias são essenciais para o desenvolvimento e realização pessoal de cada cidadão, bem como para uma cidadania ativa e para a inclusão social. Destacamos: *aprender a aprender; competências sociais e cívicas; espírito de iniciativa e empreendedorismo.*

Estas competências-chave para uma cidadania ativa são as raízes necessárias para o crescimento do bem-estar da pessoa e da comunidade. O Valsassina é e quer continuar a ser cada vez mais uma escola de competências que tem como objetivo formar cidadãos competentes. Não é apenas um lugar de transmissão de saber, mas sobretudo, um "laboratório" de produção cultural, criação de valores e estímulo ao empreendedorismo e inovação.

O sistema educativo não pode visar apenas a instrução, mas deve também educar para a vivência com os outros. Neste sentido, o Valsassina tem vindo a desenvolver projetos de Responsabilidade Social com a comunidade envolvente ao espaço escola ao longo dos últimos anos. São as campanhas de Natal Solidário; Raoul Follereau (Lepra); Nariz Vermelho, Liga Portuguesa Contra o Cancro; Fundação LIGA; Fundação Portuguesa de Cardiologia; Junta de Freguesia de Marvila; Missionárias da Caridade; Hospital Dona Estefânia; o Banco Alimentar contra a Fome desde 2011...

Além de tudo isto, o Colégio desenvolve desde 2013 uma parceria com o Centro Social Paroquial São Maximiliano Kolbe, onde os nossos alunos dão apoio escolar no ATL do 1.º Ciclo e no Centro de

“valores que permitem aos jovens tornarem-se cidadãos ativos e participativos.”

A relação do grupo de jovens do CIJ, do Centro Social Paroquial São Maximiliano Kolbe, com o Colégio Valsassina, nasce a partir de um projeto de voluntariado da Junta de Freguesia de Marvila, decorria o ano 2013/2014. O projeto terminou, mas não a articulação, sendo atualmente uma relação de confiança recíproca, onde professores e alunos do Colégio Valsassina dedicam muito do seu tempo, como um ato de Amor, Justiça, Solidariedade e Respeito a quem dele precisa. Neste tempo, mais do que apoio escolar, que permite que os jovens tenham sucesso na sua vida aca-

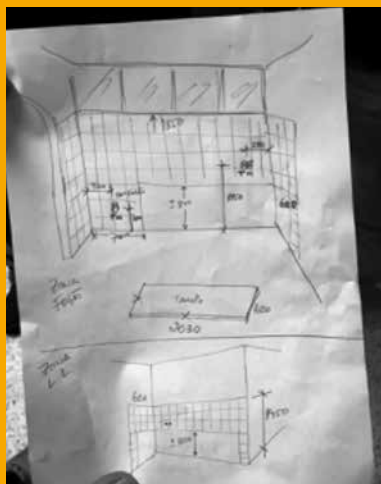
démica, são passados também valores que permitem aos jovens tornarem-se cidadãos ativos e participativos. Mas esta entrega levou-os mais longe e dois destes jovens tiveram um sonho: “requalificar o espaço do CIJ, criando mais e melhores condições”, mas o sonho deu lugar à realidade e hoje existe já um projeto concreto, devido ao empenhamento de todos. Não há palavras para definir tamanha dedicação, mas fica o nosso Muito Obrigada por serem quem são.

Elsa Vicente Centro Social Paroquial São Maximiliano Kolbe



Desenho em 3D da cozinha renovada.

Informação Juvenil (CIJ) de 2.ª a 5.ª feira. A este propósito foi recentemente criado o Prémio João Valsassina, Prémio Responsabilidade e Intervenção Social, com o objetivo de homenagear o legado do antigo diretor e o seu empenho na dinamização de projetos de intervenção social na freguesia de Marvila envolvendo a comunidade educativa. O mesmo conta com o alto patrocínio da mesma Junta de Freguesia e é atribuído anualmente a um ou mais alunos que se destaquem na sensibilidade social ao longo do seu percurso escolar.



Esboço da futura cozinha.



Reunião com as empresas de construção civil e os responsáveis pelo CIJ.

Pela altura em que o leitor estiver a ler este artigo, estaremos prestes a concluir a missão a que nos propusemos na sequência do Prémio João Valsassina, que nos foi atribuído pelo nosso trabalho na área da Responsabilidade Social. Desafiamos-nos a melhorar as condições do CIJ, centro onde fazemos voluntariado, renovando a cozinha e pintando as salas de estudo. Procurámos ter um impacto positivo junto dos jovens, dando-lhes melhores condições para estarem e estudarem. Este trabalho é o resultado da vontade, perseverança e proatividade que procuramos diariamente colocar em prática, desenvolvendo uma consciência cidadã ativa e impulsionadora.

Na realização deste projeto, fomos confrontados com várias dificuldades e com a necessidade de solucioná-las. Desde logo, sabíamos que para alcançar o nosso objetivo, teríamos de obter mais fundos e falar com empresas da área da construção. Por isso, começámos por realizar uma venda solidária onde quase duplicámos o valor do prémio. De seguida, reunimo-nos com técnicos da construção civil, desenvolvendo um projeto para a cozinha, que a tornará mais prática e moderna.

Contámos também com o apoio do Presidente da Junta de Freguesia de Marvila, que se disponibilizou a fornecer as tintas para as pinturas.

Deste modo, perante o caminho que estamos a percorrer, fomos levados a refletir sobre qual a verdadeira importância desta obra. Para tal, contaremos brevemente a nossa história no CIJ. Há três anos, começámos a fazer voluntariado no centro, procurando ajudar os jovens nos seus estudos e incentivando-os a irem “mais longe” na sua vida. No tempo decorrido, aproximámo-nos dos nossos “explicandos”, passámos a compreendê-los melhor e então, de facto, vemos qual o significado do que fizemos: mostrámos que quando nos dedicamos verdadeiramente a algo, procurando colocar empenho e vontade no que fazemos, podemos alcançar aquilo que almejamos, ajudando o outro.

Assim, esta obra mostra o impacto que podemos ter na sociedade de hoje quando desejamos fazer algo. Acreditamos que uma cidadania ativa permitirá a construção de um mundo onde cada um pode alcançar a felicidade.

Duarte Martins e Afonso Coelho 12.º 1A

EM DESTAQUE “Ajuda como podes”

Alexandra Neves Silva Coordenadora da Associação 1%



“... efetiva intervenção com a comunidade envolvente, criando novas pontes e ativando a consciência para uma cidadania pró-ativa.”

A Associação 1% está no Colégio Valsassina com o Programa *Ajuda Como Podes*, que intervém nas áreas da educação das emoções e ativação da cidadania, através de uma abordagem integrada na disciplina da Educação para a Cidadania, em colaboração direta com os professores.

O ano letivo anterior foi o ano piloto, com o programa a ser desenvolvido com um grupo de alunos do 5.º ano e, no presente ano letivo, está presente em duas turmas também do 5.º ano, alargando a atuação direta a mais crianças e, indiretamente, também a mais famílias.

Com o objetivo de contribuir para a criação de uma sociedade mais ativa, consciente e solidária, este programa atua na área da educação e pretende intervir na comunidade em geral, priorizando o contexto escolar como terreno privilegiado para a formação de *agentes da humanidade*.

Os alunos têm acesso a ferramentas e vivências em sessões semanais orientadas por professores, num trabalho complementar aos conteúdos escolares na disciplina da educação para a cidadania.

Este programa trabalha ao nível da educação das emoções e promove uma efetiva intervenção com a comunidade envolvente, criando novas pontes e ativando a consciência para uma cidadania pró-ativa.

Ao longo do ano, os grupos desenvolvem um trabalho que parte da consciência do EU para a relação do EU com o MUNDO. A intervenção vai além da sala de aula, numa atuação que prevê o crescente envolvimento da família e também da comunidade, culminando na organização de um evento chamado *Speed Date Solidário*, que acontece no dia da escola e que tem grande impacto nas crianças envolvidas, promovendo a consciência cívica, sublinhando a importância de pertencer a uma comunidade e reforçando o espírito cooperativo e de trabalho de equipa. Este é um momento muito significativo para todos os intervenientes, reforçando, além de tudo o resto, a noção de pertença à “grande família Valsassina”.

Os grupos de alunos, com a ajuda das professoras envolvidas no Programa *Ajuda Como Podes*, começam em breve a trabalhar com as instituições da comunidade local, dando continuidade à intervenção do ano anterior. Será feito um levantamento e uma atualização das necessidades da comunidade, para as quais alunos, professores,



Durante este ano letivo o Projeto “Ajuda como Podes” está a ser dinamizado em duas turmas do 5.º ano, sob a orientação das Professoras **Ana Paula Oliveira** e **Daniela Morais**.

«Estou a gostar deste projeto porque conseguimos ajudar as pessoas com pequenos gestos como, por exemplo, comprarmos um livro e depois entregarmos a uma instituição de crianças que não têm tantas possibilidades como nós.»

Francisca Pinheiro

«Com este projeto tenho aprendido que se uma pessoa fizer 1 % podemos juntar-nos todos e conseguir uma grande ajuda para as pessoas que mais precisam.»

Madalena Rosário

«Estou a gostar muito das aulas e da forma como nós estamos a aprender muitas coisas, como, por exemplo, a cuidar de nós e a cuidar dos outros.»

Alexandre Carvalho

«Estou a gostar muito deste projeto porque aprendemos a fazer pequenas coisas para ajudar os outros.» André Caetano

«Estou a gostar deste projeto porque nós aprendemos a ajudar os outros e a ajudar-nos a nós próprios.» Martim Figueiredo

«Estou a gostar deste projeto porque podemos melhorar muitas vidas só a fazer 1 %.»

Marta Bernardo

«A atividade de que mais gostei até agora foi o concerto solidário onde comprámos livros e cantámos todos juntos para ajudar os outros.» Matilde Silva

familiares e outros participantes vão procurar resposta, após o que organizarão o momento de encontro entre todos.

No final do ano letivo, os alunos recebem uma certificação de *Agentes da Humanidade*; cidadãos capazes de observar atentamente a comunidade onde se inserem, detetar necessidades, ativar respostas e intervir na construção de redes de apoio social.

O programa prevê também a criação de *clubes de voluntariado* que dão continuidade ao trabalho iniciado no âmbito deste ano de formação em contexto escolar, promovendo assim a autonomização desse trabalho e integrando outros participantes — familiares e outros — num investimento na autonomização das redes e das respostas conseguidas e trabalhadas.

Acreditamos que este programa tem um grande impacto em toda a comunidade, ligando a escola à sociedade envolvente e ativando em todos os participantes uma consciência crescente da importância que todas as partes têm na construção de um bem comum.

Somos 1 % de 100 %, somos parte do todo.

A Associação 1% tem como fundador um antigo aluno do Colégio Valsassina que, desde os três anos, recebeu e integrou os valores do Colégio, espelhando-os agora nos princípios da Associação e reforçando esta ligação, a qual tem como papel principal as pessoas, os afetos e as relações que criam entre si.

«Eu gosto muito deste projeto, porque acho que mesmo com pequenos gestos estamos a ajudar imenso a vida de algumas pessoas e que podemos ser só uma turma ou duas turmas, mas acho que vamos conseguir mudar a vida de muitas pessoas.» Mariana Coelho

Construir Cidadania

Daniela Morais Professora de Cidadania

Goethe disse outrora que **«não basta saber, é preciso também aplicar. Não basta querer, é preciso também fazer»**. Partindo desta máxima, realçamos o papel fecundador e edificante de uma transmissão de conhecimentos que visa a ação. Mais do que um mero exercício teórico, as aulas de Educação para a Cidadania visam dotar os alunos de um conjunto de saberes que sirvam de auxílio à sua conduta em sociedade e que, em última instância, os torne pessoas com sentido de comunidade. Ora, se, como Kundera nos ensinou, o valor de um ser humano «reside na capacidade de ir além dele próprio» e de «existir para as outras pessoas», então o estímulo da alteridade, da partilha e da solidariedade são pilares incontornáveis da educação do cidadão.

É neste sentido que o projeto «Ajuda como Podes» se tem revelado um exercício de cidadania. No decorrer das sessões com os alunos, é explorado um conjunto de temáticas fundamentais para o desenvolvimento das competências essenciais de qualquer criança: abordamos, de uma forma criativa e dinâmica, temas como as emoções, as perdas, a partilha generosa ou a procura do bem comum. Esta abordagem permite desenvolver uma reflexão sobre o papel que cada cidadão tem na sua comunidade, incitando os alunos a agir, na medida em que compreendem que os seus atos têm impacto nos outros. Trata-se, portanto, de uma valorização do altruísmo, até porque, convém não esquecer, não há humanidade fora da comunidade.



“... ligando a escola à sociedade envolvente e ativando em todos os participantes uma consciência crescente da importância que todas as partes têm na construção de um bem comum.”

EM DESTAQUE

Entrevista com a historiadora Irene Pimentel

Entrevista realizada pelos alunos **Henrique Rodrigues 9.ºA**, **Rafaela Prazeres 9.ºA**, **Inês Ribeiro 9.ºC**, **Leonor Vinagre 9.ºC** e **Teresa Coelho 9.ºC**, sob a coordenação da Professora **Graça Luís**.



Irene Flunser Pimentel

Doutorada em História Institucional e Política Contemporânea, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Elaborou diversos estudos sobre o Estado Novo, o período da Segunda Guerra Mundial, a situação das mulheres e a polícia política durante a ditadura de Salazar e Caetano. É investigadora do Instituto de História Contemporânea e tem uma vasta obra editada no campo da História Contemporânea. Em 2007, recebeu o Prémio Pessoa, atribuído pelo Expresso e pela Unysis. No dia 11 de março esteve no Colégio Valsassina para uma conferência sobre "Refugiados Judeus em Portugal na Segunda Guerra Mundial", destinada aos alunos do 9.º ano e do Curso de Humanidades do Ensino Secundário.

Como e quando surgiu o seu interesse por temas de caráter histórico?

Desde muito cedo no liceu comecei a gostar muito da disciplina de História. Como frequentei a parte francesa do Liceu Francês *Charles Lepierre* de Lisboa, aprendi sobretudo a História de França e a forma mais livre como era dada a disciplina em francês. Lembre-se que se vivia, em Portugal, num regime de ditadura, onde a própria cadeira de História era dada de forma propagandística para exacerbar a componente nacionalista do regime. Considero que, além desta forma, mais livre e avançada de "contar" a História, também foi muito importante a forma como o conteúdo histórico foi transmitido aos alunos por um jovem professor que ensinava de forma interessante, incentivando o espírito crítico e a interpretação.

Considera que a área da História está suficientemente valorizada nos currículos escolares?

Considero que não só não está valorizada a área de História, como tem estado sob ataque nos últimos anos. Esse ataque é muito evidente na forma como foi diminuída a sua importância nos currículos escolares, o que aliás também aconteceu com a Filosofia. Ora, estas duas disciplinas são fundamentais, não só para a cultura geral e para o civismo dos jovens, como para aprender através delas a pensar e a desenvolver um espírito crítico.

Qual lhe parece ser a forma mais adequada de abordar estas temáticas com alunos do 3.º ciclo e do ensino secundário?

Não sou especialista em pedagogia, mas parece-me evidente que se deve abordar estas temáticas, nomeadamente as de História Contemporânea, através de uma cuidada narrativa – não apenas através da escrita, mas também do cinema, da fotografia e da imagem – que contribua para a "humanização" da disciplina, que – lembre-se – é o estudo do passado dos seres humanos, e não de "estruturas" e "conjunturas". Num tempo de informação exponencial, há que ensinar a procurar e a pesquisar as informações, valorizar a autoria – condenando o plágio – e desenvolver a vigilância relativamente à mentira, cotejando as várias fontes de informação. Penso também que é fundamental ir aos locais onde se passaram os eventos, após aulas de contextualização, assim como o é a escuta em aula de testemunhas que viveram determinados eventos históricos.

Que pontos comuns encontra entre os movimentos de refugiados que têm acontecido ao longo da História da Humanidade?

As migrações existem ao longo da História da Humanidade, mas os movimentos de refugiados iniciaram-se sobretudo com as guerras mundiais do século XX. Não por acaso, este é considerado – por Hannah Arendt – como o «século dos refugiados» isto é, de pessoas que têm de fugir dos seus países, por várias razões, e que deixam de ter quaisquer direitos humanos e cívicos, muitos deles tendo ficando apátridas (sem nacionalidade). Todos os movimentos de refugiados têm aspetos que se diferenciam entre eles, consoante os contextos históricos em que têm lugar, e também semelhanças. Por exemplo, a

onda de refugiados provocada pelo regime nazi alemão foi específica, devendo-se à repressão dos adversários políticos e – o que era novo – ao anti-semitismo racial, bem como à guerra de aniquilamento perpetrada pela Alemanha nos anos 30 e 40 do século XX. Hoje, o movimento dos refugiados continua a ter a ver com razões políticas, económicas e com guerra. A xenofobia, o racismo, o «medo do outro» e o fecho das fronteiras de alguns países (casos da Hungria e Polónia, hoje, mas não só) assemelham-se muito ao que aconteceu nos anos 30 e 40, quando diversos regimes ditatoriais nacionalistas violentos incendiaram a Europa.

Como é que o regime salazarista geriu a presença de tantos refugiados judeus em Portugal?

O regime salazarista, como outros países europeus – aí não se distinguiu aliás de países com regimes democráticos – fechou as suas fronteiras, só permitindo que entrassem em Portugal – através da concessão de vistos – os refugiados que assegurassem apenas ficar temporariamente em trânsito pelo país, enquanto aguardavam meios de transporte para partirem para o outro lado do Atlântico. Dessa forma, em Portugal, só era concedido um visto a quem já tivesse um visto de um país de destino definitivo (EUA, países da América Latina ou África).

Como é que essa situação condicionou as nossas relações com a Alemanha?

Portugal foi um país neutro durante a II Guerra Mundial e essa neutralidade serviu quer à Grã-Bretanha, com a qual Portugal tinha uma velha aliança, quer à Alemanha, que importou através de Portugal mercadorias vitais para o seu esforço de guerra, como foi o caso do volfrâmio português. A neutralidade começou por ser «geométrica» relativamente aos dois lados beligerantes para no final da guerra, quando se percebia que a Alemanha a iria perder, passar a ser mais benéfica para os Aliados ocidentais. Em 1943 e 1944, o governo salazarista acabaria por atribuir, uma base estratégica nos Açores aos anglo-americanos e, a pedido destes, decretaria o embargo à exportação do volfrâmio. Essa neutralidade foi assim permitida pelos dois lados beligerantes e possibilitou a alguns refugiados o salvamento através de Portugal, país de atuação de espões e centro de trocas de informações e mercadorias. Devido a esta neutralidade e a outros fatores, com a derrota do nacional-socialismo alemão e do fascismo italianos, em 1945, o regime de Salazar – tal como o de Franco, na vizinha Espanha – conseguiria sobreviver. Até porque o anticomunismo, comum aos dois países ibéricos, serviria na perfeição ao chamado «mundo ocidental», no seu combate à URSS – a chamada «guerra fria».

Aristides de Sousa Mendes é provavelmente o por-

tuuguês de quem mais se fala, quando nos referimos aos refugiados que vieram para Portugal no tempo da Guerra. Que outras figuras poderão ter desempenhado um papel semelhante?

Alguns cônsules e embaixadores de Portugal, em contacto com o sofrimento das vítimas da Alemanha nazi, tentaram ajudar uma pequena parte destas, concedendo vistos, mesmo quando não os poderiam dar, pois a lei portuguesa era muito restritiva relativamente à entrada nas fronteiras do país. Mas nenhum desses diplomatas teve a atitude radical de Aristides de Sousa Mendes, que arriscou a sua vida profissional e económica, desobedecendo ao ditador Salazar e concedendo milhares de vistos a refugiados. Individualmente outros portugueses ajudaram alguns refugiados, nomeadamente os elementos da Comunidade Israelita de Lisboa.

Que ensinamentos retirou a Europa e o Mundo do Holocausto?

Quando terminou a guerra e se procedeu ao julgamento dos principais dirigentes nazis capturados, responsáveis por crimes de guerra, contra a paz, e contra a humanidade, em Nuremberga, em 1946, a ideia era: «Nunca mais», para significar que os crimes que mataram milhões de vítimas nunca mais se repetiriam. Ora, a definição da palavra genocídio e a condenação deste crime pela ONU, em 1948, não impediu que se repetissem, por exemplo, o do Ruanda e o da ex-Jugoslávia. Aprendeu-se muito com um acontecimento tão terrível como o Holocausto, através da História, pois talvez seja dos temas da História Contemporânea mais estudados. Mas infelizmente, é difícil de prever se esse «Nunca mais» será uma realidade no futuro, e o mais provável é que não. Provavelmente a História não dá lições, mas é muito mais provável que os crimes e o horror se repitam, se se desconhecer o que aconteceu no passado e o que foi o Holocausto. Ou seja, se não se tem a memória e não se conhece a História, poderemos de novo ir por caminhos que conduzem à tragédia. Por isso, deve-se não parar de contar a História e lembrar o Holocausto.

Como justifica os apoios que têm surgido à formação de novos regimes autoritários?

É uma questão muito complexa que ainda está a ser estudada, mas a ignorância e a quebra da moral e da ética, a mentira, o egoísmo nacionalista, o racismo e a discriminação do «outro» terão a sua parte nesse surgimento de novos regimes autoritários. O populismo nacionalista ganha força por todo o lado e, pior, ganha eleições em democracia. Assiste-se a um tempo dramático em que a própria democracia e as suas instituições servem para destruir a democracia.



Maria Carreira

Antiga aluna. Estudou no Valsassina, durante o ensino secundário. Atualmente frequenta o 1.º ano do Curso Bioquímica na UCL, em Londres. Foi a representante portuguesa dos “Young Reporters for the Environment” na COP24, a Conferência das Partes da Convenção do Clima das Nações Unidas. Durante a participação na COP24 assistiu a diversas palestras e conferências, tendo realizado a cobertura jornalística do evento. Os artigos publicados podem ser consultados em: <https://yreint.exposure.co/>

“... projetos que me ensinaram que a aprendizagem e a curiosidade são indissociáveis!”



Foste selecionada para participar na COP24, que se realizou em dezembro 2018 na Polónia. Como foi estar num evento desta importância?

Participar na COP24 foi um desafio muito gratificante, principalmente enquanto Jovem Repórter para o Ambiente (JRA) / Young Reporter for the Environment (YRE). Em primeiro lugar, pela dimensão internacional e relevância do evento, tendo em conta que o grande objetivo era a assinatura do *Katowice Rulebook* para a implementação prática do Acordo de Paris. Em segundo lugar, pelo ambiente entusiasmante e multitudes de ofertas da COP24. Todos os dias, tinha à minha escolha dezenas de painéis, discussões e workshops (e entrevistas para realizar!), com oradores excelentes e outros participantes com os quais partilhar ideias. Se, por um lado, a gestão de tempo e capacidade de organização de tempo são importantes em eventos como a COP, por outro lado, é incrível assistir a uma palestra sobre um tema acerca do qual nunca tínhamos pensado e sair da sala motivados para aprender mais... Acima de tudo, a diversidade e a oportunidade de discutir e debater tornaram a minha presença na COP24 memorável.

Qual ou quais as maiores lições ou mensagens que trouxeste da COP24?

A minha experiência na COP24 permitiu-me perceber que eventos como a COP não estão reservados a políticos ou, de forma geral, a adultos; jovens pelo mundo inteiro, destacando-se a ativista sueca Greta Thunberg, estiveram presentes, a mostrar que estão realmente a ter um papel ativo agora. Ademais, tive a oportunidade de conhecer outros jovens (da Nigéria, França, Espanha, entre outros), líderes e membros de iniciativas sustentáveis nos seus países. Penso que foram estas as duas grandes lições que guardo da COP24: que há (mesmo) muito para conhecer e que, por todo o mundo, há jovens empenhados na luta contra as alterações climáticas. Afinal, se pensarmos bem, e, tendo em conta o agravamento da crise climática, não faz sentido os jovens terem de esperar até terem 30 anos e um emprego para colocarem em prática o seu empreendedorismo... Cada vez mais, os mais novos têm um papel de destaque (e de coragem) na COP.

O mundo está a mudar, e as alterações climáticas são consideradas como um dos maiores desafios que a humanidade tem para resolver. Qual deve ser o papel da escola para a combater este problema?

A educação ambiental foi um tópico discutido em alguns painéis da COP24. A escola é, efetivamente, o ponto de partida para o desenvolvimento da consciência ambiental dos alunos; o principal local de crescimento e aquisição de ferramentas para a cidadania. E não há de certo espaço mais adequado para questionar o que acontece à nossa volta, para ter ideias e implementar boas práticas. Nesse sentido, cabe a todos os membros da escola, incluindo os próprios alunos, estimular o espírito crítico e a curiosidade mútua. A escola é a maior fonte de inovação: onde mais é possível encontrar centenas de jovens com opiniões e vivências diferentes. A ideia de que a solução para a crise do clima passa pelas gerações mais novas foi reiterada na COP24, na medida em que, mais de três anos depois do Acordo de Paris, variadíssimas alternativas foram exploradas, sem sucesso. É, assim, evidente que são

os jovens que resolverão o problema, colocando na escola cada vez mais responsabilidade em relação ao combate às alterações climáticas.

Durante o teu percurso escolar, passaste pelo Colégio Valsassina. Foram vários os projetos onde estiveste envolvida (JRA, Eco-Escolas; investigações científicas, etc). O que mais te marcou na passagem pelo Valsassina?

A minha passagem pelo Valsassina foi uma sucessão de oportunidades extraordinárias. Retomando uma das questões anteriores, foi no Valsassina que me apercebi, em primeira mão, do leque de oportunidades que existem para os jovens terem um papel ativo no meio em que se inserem, e da importância do espírito de iniciativa para as “agarrar”. Destaco o projeto JRA/YRE e Eco-Escolas, que abracei no 10.º ano e para os quais contribuo ainda hoje, pois, de forma louvável, permitem a qualquer jovem o contacto com exemplos de iniciativas sustentáveis por todo o país, muitas das vezes, desconhecidos. Da mesma forma, ter estagiado no Instituto de Medicina Molecular e participado na Mostra de Ciência, ter ido aos Açores com o CanSat, e ter estado presente no National Geographic Summit foram algumas das experiências únicas que contribuíram para a minha formação enquanto jovem cientista e, claro está, cidadã. Acima de tudo, foram projetos que me ensinaram que a aprendizagem e a curiosidade são indissociáveis!

Que competências ou aprendizagens consideras mais importantes perante um mundo caracterizado por uma grande imprevisibilidade?

A capacidade de adaptação é fundamental: hoje em dia, os desafios a que estamos expostos, quer sejam a nível das alterações climáticas ou, implicitamente, de saúde pública e biodiversidade, requerem “plasticidade” no sentido de encontrar soluções efetivas e aplicá-las na vida real. Do mesmo modo, a resiliência e a criatividade são os antídotos ideais para qualquer conotação negativa que a imprevisibilidade possa acarretar: num mundo em mudança, é claramente vantajoso saber enfrentar o “imprevisível” como uma folha em branco e poder, a partir daí, criar algo notável.

Que mensagem deixas para os crianças e jovens, visando a sustentabilidade?

Que não subestimem a nossa capacidade de contribuir para a luta contra as alterações climáticas: são as pequenas ações, a nível local, que ecoam por todo o mundo (ideia chave que guardo da COP24). Quer seja através das redes sociais, dos media, ou do envolvimento físico em iniciativas de carácter sustentável, é importante que nos façamos ouvir, pois, afinal, as decisões que outros tomam por nós, terão um impacto nas nossas vidas. A idade não pode constituir um impedimento à participação cívica. Para finalizar, não posso deixar de referir um conselho dado, em entrevista aos YRE, por Bertrand Piccard, que deu a volta ao mundo num avião movido a energia solar, sobre a necessidade de, perante o fracasso, tentar sempre encontrar soluções diferentes, com uma outra abordagem, mas sem baixar os braços! Haverá sempre pessoas que recusarão/ignorarão as alterações climáticas: cabe àqueles que estão conscientes da realidade agir.

TO ALL YOUNG PEOPLE WAITING TO SPEAK UP COP 24, Katowice, Poland

Maria Carreira

Youth worldwide, including myself, are relying on COP 24 and on the Paris Agreement Rulebook for our future. Our future is being shaped by the decisions that will accompany two intense weeks of discussions involving governments from all around the world.

Nevertheless, during my experience at COP, I realised that people are mostly relying on practical action arising from those discussions rather than more theoretical speeches and promises. Above all, people are relying on dynamic youth to overcome the challenges climate change presents.

(...)

There are no excuses not to act!

We cannot wait for politicians to take decisions for us and must not permitting being left aloof when it comes to decisions that affect directly our future. I firmly believe there are millions of other young people looking for an opportunity to have their say and to have an active contribution on climate change and, above all, on their future. There is so much “hidden potential” waiting to be harnessed. To all young people waiting to speak up, it is our own responsibility to ensure that in conferences such as COP, where our future is at stake, youth is actively present!

Excerto do artigo publicado em <https://yreint.exposure.co/to-all-young-people-waiting-to-speak-up>



EM DESTAQUE

Como aprender a ser cidadão sem o praticar em contexto?

Cláudia Viana Professora de Filosofia e de Filosofia com Crianças



“O trabalho cooperativo confere a todos um lugar e uma função a desempenhar para o bem comum. A isto chama-se entreatajuda, que é tão importante no exercício da cidadania.”

Mafalda Santos 10.º1A

“O trabalho cooperativo ajuda-nos a desenvolver competências essenciais ao nosso futuro, como a discussão de ideias, a inclusão de diferentes modos de ser e de pensar ou a divisão equitativa de tarefas.”

Diogo Canas 10.º1A

Pensar a escola é pensar o espaço público. Pensá-lo é considerar o cidadão e o pensamento crítico e interventivo para o bem comum. Pensar a escola é, assim, pensar modelos educativos que assistam crianças e jovens de ferramentas úteis para se ser no mundo, perante o outro, numa efetiva cooperação para o bem comum. É nesta lógica que se compreende o paradigma cooperativo.

Não se trata de defender a metodologia cooperativa em substituição de outras, mas de a advogar como uma **metodologia que potencia a formação holística do indivíduo, logo potenciadora da formação do cidadão**; não se trata, também, de atribuir a uma atividade ou disciplina um papel de destaque na formação do cidadão, mas de afirmar **a escola como um palco de mundivivências e aprendizagens, em que os seus membros são autores.**

Compete à escola tutelar o pensamento crítico, autónomo e autocorretivo. Mas, se é função da escola consciencializar o aluno do mundo circundante, levando-o a uma autodeterminação do pensar, é também sua função levar o aluno a uma autodeterminação do criar e do agir. São indissociáveis, dada a natureza elaborada ou complexa do pensamento. É, por isso, função da escola tutelar o pensamento aplicado, isto é, de intervenção produtiva e comprometida com o espaço público e bem comum. Como aprender a ser cidadão sem praticar no contexto?

A cooperação é a resposta metodológica da escola. Aprender conteúdos de forma autónoma e cooperante, em interação social, é já uma prática de cidadania. Ao realizar, em grupo, determinado exercício, o aluno aplica e interioriza normas e condutas de entreatajuda, de construção partilhada, de responsabilidade pelo produto (objetivo comum ao grupo) e, conseqüentemente, pelos outros (suas aprendizagens). O objetivo específico de cada atividade cooperativa proposta na escola concretiza-se na interação de mundivivências e saberes, na interdependência positiva de funções e no domínio de competências sociais básicas como a escuta, a empatia, a inclusão, a tolerância, o respeito e a responsabilidade pelo coletivo.

Rotinada, a cooperação extravasa as atividades e as paredes da sala de aula e assume contornos na conduta de quem nela participa. Uma prática regular do exercício cooperativo mostra condições para a descoberta e desenvolvimento de capacidades e potencialidades que só se realizam na relação social e que poderão ser postas ao serviço da comunidade.

A cooperação é condição necessária para o exercício da cidadania e a escola, enquanto espaço público, é lugar da sua vivência. Ser cidadão hoje exige a competência de um melhor pensar para melhor intervir, mas tal exercício não é compatível com a alienação do outro, da vida social. A escola não pode alhear-se da sociedade em que se insere, como se a sua conduta e a conduta do espaço público diferissem. Por isso, aprende-se a ser cidadão praticando em contexto.

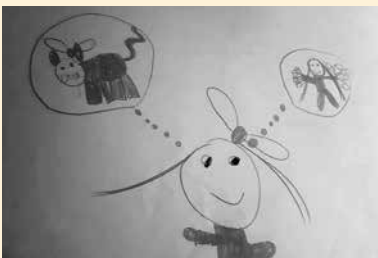


Nós Somos do Tecido de que são feitos os Sonhos

Daniela Morais Professora de Filosofia e de Filosofia com Crianças
Joana Baião Professora de Português e de Filosofia com Crianças

“Se os sonhos não estivessem dentro da nossa cabeça, então eram verdade.”

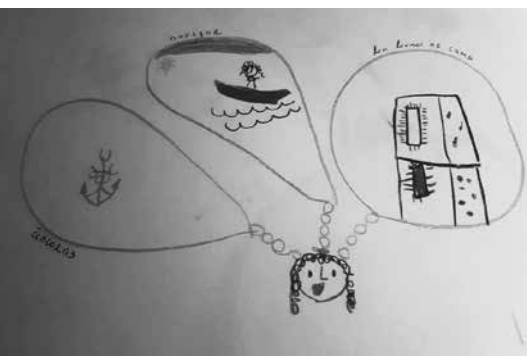
Afonso Jardim 5 anos, turma C



Partindo da premissa shakespeariana de que «nós somos do tecido do que são feitos os sonhos», **os alunos dos cinco anos de filosofia para crianças** viajaram para dentro de si e refletiram não só sobre as ideias e imagens que se apresentam ao espírito durante o sono, mas também sobre os sonhos vividos, aquele conjunto de pensamentos que *comandam a vida*. Desta forma, cada aluno foi convidado a ilustrar os seus sonhos, desejos e aspirações. E porque, como disse outrora o poeta, «o homem é do tamanho do seu sonho», os nossos pequenos filósofos não se deixaram intimidar pela tarefa que lhes foi proposta e partilharam com os colegas alguns dos sonhos que trazem dentro de si. Nessa manhã cinzenta de Inverno, pintámos arco-íris no céu, imaginámos árvores cheias de chocolate e sonhámos em marcar golos como o Cristiano Ronaldo. Deixámos voar bem alto a fantasia, pois sem ela o mundo que seria?

“Podemos guardar tantos pensamentos porque não são coisas, cabem todos.”

Gonçalo Dias 5 anos, turma B



No entanto, e a iniciar o caminho pelos medos e pelas outras cores que também pintam a nossa imaginação, refletimos sobre o que nos assusta, sobre a razão por que o escuro não nos convida à aventura, sobre os dias em que chorámos e sobre a importância da tristeza. Temos direito a estar tristes? Temos direito a ter medo? A chorar porque algo nos dói ou amedronta? A tristeza leva-nos a pensar, a parar, a tristeza ajuda-nos a dar mais valor aos dias bons, às vezes crescemos com ela... por isso, as nossas aulas foram assim, um misto de “contar” e “desenhar” pensamentos, sonhos, emoções a várias cores: as alegres para os momentos áureos e as tristes para os momentos menos bons.

O contributo do ensino experimental das ciências para a construção de uma cidadania ativa

Pedro Alpuim Coordenador das Ciências Experimentais no 1.º Ciclo

“...o acesso ao conhecimento científico, a partir de uma idade muito precoce, faz parte do direito à educação de todos os homens e mulheres, (...) a educação científica é de importância essencial para o desenvolvimento humano e para que tenhamos cidadãos participantes e informados.”

(in UNESCO, 2003; Declaração final da Conferência Mundial sobre “Ciência para o século XXI: um novo compromisso” realizada pela UNESCO)



A Educação em Ciência desempenha um papel fundamental na formação dos alunos, em que as atividades práticas e experimentais assumem um papel de destaque pelo seu valor formativo essencial para o desenvolvimento de competências indispensáveis na sociedade de hoje (Sousa, 2012).

A aprendizagem das ciências deve ser entendida como um processo ativo em que o aluno desempenha o papel principal de construtor do seu próprio conhecimento. Nesse sentido, implementou-se um modelo no 1.º ciclo, do Colégio Valsassina, que visa a prática regular de atividades de caráter prático e/ou experimental.

Promovendo a literacia científica dos nossos alunos procuramos que compreendam a realidade que os envolve e que desenvolvam competências várias, como por exemplo: a capacidade de tomar decisões, expressar opiniões, de forma a ir adquirindo uma consciência cidadã.

Todas as semanas, três turmas de cada nível de ensino desenvolvem atividades no laboratório do 1.º Ciclo. Estas atividades, que encontram uma estreita ligação curricular, em particular com a disciplina de Estudo do Meio e com a área de Cidadania e Desenvolvimento, são supervisionadas e orientadas pelo respetivo professor titular com o apoio de um segundo professor (constituindo um par pedagógico).

Os alunos são também desafiados a realizar projetos (por período e/ou por ano). Um exemplo é o projeto **“Bactérias: As nossas amigas na defesa das infeções”**.

Este projeto pretendeu clarificar e esclarecer que a maioria das bactérias presentes no planeta é inofensiva para os seres humanos e algumas são altamente benéficas para nós. Pretende ainda promover uma Educação para a Saúde, sensibilizando para a importância de medidas preventivas e visando o melhor estado de saúde; promover a autorresponsabilização dos jovens pela sua saúde; propiciar o crescimento em liberdade com responsabilidade e a adoção de estilos de vida saudáveis.

Agradecimento

Este projeto não seria possível sem a presença e colaboração da Professora Ana Margarida Madureira, da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa. O nosso obrigado por toda a disponibilidade.

O arranque deste projeto partiu das ideias prévias que alguns alunos tinham acerca do que para eles seriam bactérias...

- São uma espécie de micróbios que causam doenças. **Tomás Serrão**
- São umas células que entram dentro do nosso corpo e depois põe-nos doentes. **Duarte Gallego**
- São germes que quando entram no nosso corpo ficamos doentes. Elas multiplicam-se. **Tiago Carvalho**
- Apanhamos as bactérias com a sujidade. **Leonor Gomes**
- Entram no nosso corpo de várias formas, na alimentação quando os alimentos estão estragados. **João Gonçalves**
- Nem todas as bactérias são más. Há bactérias que têm vitaminas. **Flor Ferreira**

Recolhidas as ideias prévias os alunos foram para o laboratório acompanhados pela Professora Irene Costa (titular de turma) e pela professora Ana Margarida Madureira (professora da Faculdade de Farmácia, instituição parceira do Colégio) colocar “as mãos na massa” e foram à procura de novos conhecimentos e respostas para as questões iniciais.

Após 24h de incubação numa estufa a 37.°C os alunos observaram as respetivas caixas. Puderam assim verificar a eficácia da lavagem das mãos. Em alguns alunos a lavagem das mãos foi bem realiza-



da e era nítida redução do número de colónias nas caixas enquanto noutros não se observava nenhuma variação ou era reduzida.

Para além deste aspeto os alunos puderam ainda avaliar a variedade de microorganismos que cresceram nas caixas pela observação dos diferentes rípos de colónias (diferentes cores, tamanho e textura).

Já em sala de aula, os alunos fizeram uma reflexão sobre o projeto e confrontaram as ideias prévias com as conclusões retiradas da experiência.

- As pessoas acham que ter bactérias não é bom, mas pelo contrário, se uma pessoa não tiver bactérias morre. **Flor Ferreira**
- As bactérias multiplicam-se muito rapidamente, e à temperatura do nosso corpo. **Beatriz Moreira e Afonso Bouça**
- Quando as bactérias boas “lutam” com as más forma-se o “pus”. **Beatriz**
- Há dois tipos de bactérias, as positivas que são bolinhas, normalmente, roxas e as negativas que são bastonetes vermelhos. **João Gonçalves**

Educar para a Ciência e para a promoção de saúde: Estudo da relação entre os níveis de testosterona e o número de horas de sono numa população de jovens do sexo masculino entre os 15 e os 18 anos

Catarina Nunes, Laura Mota e Madalena Monteiro 12.º 1A Projeto de investigação desenvolvido na disciplina de Biologia 12.º ano

A testosterona é a principal hormona androgénica responsável pelo desenvolvimento das características sexuais secundárias masculinas, podendo estar presente no organismo de duas formas: livre ou ligada a alguma proteína.

Os níveis de testosterona e a sua produção encontram-se relacionados com a idade, sendo que a produção desta hormona se inicia na puberdade, atingindo os níveis mais elevados por volta dos 17 anos e tende a diminuir com a idade. A partir dos 30 anos de idade, os níveis de testosterona começam a apresentar, na generalidade, descidas de 0,5 a 1% por ano. Estes níveis podem ser avaliados através de análises sanguíneas e de análises realizadas à urina e à saliva, sendo o primeiro método o mais comum.

Quando estes níveis se encontram abaixo dos níveis de referência saudáveis, o organismo poderá desenvolver hipogonadismo ou tornar-se infértil. Dada a importância desta hormona no organismo, quando as suas concentrações não são adequadas, o corpo manifesta alguns sintomas, entre os quais: redução do desejo sexual, sensação de cansaço,

aumento do peso e redução da massa óssea, entre outros.

De acordo com a revisão bibliográfica, podemos concluir que a testosterona no organismo é, maioritariamente, produzida durante o sono, pelo que o período em que os valores desta hormona serão mais elevados é imediatamente após o acordar.

Desenvolvemos o nosso projeto tendo como principal fonte um estudo realizado numa população de jovens universitários de uma faculdade na Rússia, este estudo concluiu que jovens que dormem menos horas do que numa noite considerada normal apresentam níveis de testosterona significativamente mais baixos.

Assim, como principal objetivo, pretendemos estudar a relação entre os níveis de testosterona e o sono, numa amostra de jovens portugueses entre os 15 e os 18 anos. Pretendemos, também, sensibilizar os jovens da faixa etária em estudo para a importância do sono na regulação dos níveis da hormona considerada e os impactos que a redução do sono poderá ter no organismo.

EDUCAR PARA

a cidadania e para o multilinguismo

School Public Speaking

Ana Paula Gouveia e Maria João Godinho Professoras de Inglês

Food Waste

Imagine how many people you could feed with the wasted amount of food. I can tell you that, with the amount of food that is wasted every year, you could feed about 2 billion people. Meanwhile, it is widely known that there are around 815 million people who do not have enough food to lead a healthy, active life, and nearly 25 percent of people in developing countries are undernourished (according to the World Food Program (FAO)). Besides in a world where there are 7 billion people, set to grow to 9 billion by 2050, wasting food makes no sense neither economically, or environmentally, let alone ethically, so why are we wasting this much food? (...)

One of the top contributors to food wastage is the lack of appropriate planning on the consumer's part. (...) Another driving factor for food wastage is the protocol on food safety. (...) The over-merchandizing of food items and products in retail centers and supermarkets often results in food wastage.

Pedro Oliveira 11.º 2

Every year, the Valsassina 11th graders are invited to write a 900-word argumentative and rhetoric text. This activity means to cover diverse goals: to give the students an opportunity to freely discuss a topic that truly interests them; to provide them with an audience to whom they deliver their speeches; to give them the opportunity to alert and inspire their audience and, finally, to take part in two competitions: the School Public Speaking Competition and the National Public Speaking Competition with their texts, now transformed into speeches.

There are four stages in this activity. Firstly, there's the brainstorming which is followed by the strenuous individual text writing. The students are individually supported by their teachers during the writing stage. Secondly, after several writing and rewriting attempts, the students learn their texts and deliver them for their classes. The teachers and the class students assess all the individual speakers, by filling in an assessment grid. Thirdly, the two or three most voted speakers in the stage of the class competition represent their classes in the School Public Speaking Competition.

Finally, the Speakers that represent their class have the opportunity to deliver their speeches to a vaster audience made up of all the 10th and 11th graders. This event takes place in the school auditorium. The English teachers nominate a panel of judges which always includes the School previous year's representatives in the National Public Speaking Competition as well as other teachers.

2019 is the 31st National Competition and Colégio Valsassina has taken part in it since the very beginning.

In fact, students from our school have already represented Portugal in the International competition three times.

This is year's topic was Nature is a Common Language.

The following excerpts were extracted from this year's 11th graders' speeches.

Blend in or stand out?

The truth is we all want to leave our mark in this world, we all want to make some kind of difference. What we don't understand is that we can only achieve that if we are indeed different. Also, I don't believe anyone has the sole purpose of being mediocre and ordinary. Deep down, I

think we desire to be more than that but due to our expectations and fears, we are turned into the average and into a blur of what we truly are. Maybe Nature should be a little less common and ourselves a bit more uncommon. We try so hard to blend in, we forget that we were born to stand out.

Catarina Marques 11.º 3

What is the point of saving endangered species?

Eventually the question is always the same. What is the point of preserving habitats and, therefore, the wildlife that inhabits there? Why put so much time, effort and money into saving them? Surely it is more important to take care of humans than to spend millions preserving biodiversity, right? (...)

We are just now realizing the importance of maintaining the planet's abundance of biodiversity. Everything in nature is connected, if you remove one animal or plant it upsets the balance of nature, it can permanently change the ecosystem and even eventually make it collapse due to the broken links in the food chain. Certain animals only feed on certain plants, so if that plant disappears then the animal is likely to die out, the loss of one

species often trigger the loss of others, setting off a chain reaction. Take the example of bees, they look like such small and insignificant insects who only have the purpose of making honey, but they actually play the huge role of being pollinators, meaning they are responsible for the reproduction of plants.

Another important reason why we should protect the ecosystem is because they provide what is called "ecosystem services". These ecosystem services are benefits which most of us take for granted. The most obvious ones being the plants and animals that we eat and the photosynthetic plankton in the ocean that provide us with the oxygen we breathe.

Joana Batista 11.º 2

Are zoos the answer?

Spread all over the world, zoos are accessible to a great part of the global population and care for a large sum of all species. This way, they act near the community but also close to nature, no longer serving as living museums to present their collection of animals, but mainly collaborating with the conservation *ex situ* of the species that they care for, and *in situ* through a network of partnerships and investigation projects.

Zoos showcase themselves as instruments to spark the interest for the natural world, far beyond the great cities and urban life. Directly or indirectly, these locations contribute to counteract the climate changes and to drive the consequent preservation of nature and biodiversity. By coaching the visitors to the problems that affect animals and plants, zoos guides motivate visitors to become self-aware of their actions, thus leading to the creation of a more sustainable society.

For millennia, the human kind has been exploiting the Earth without considering the costs. Now, with species in extinction or already extinct, the world getting hotter, and the sea level rising, Earth is finally retaliating. It's up to us to realise what we've done and to try and fix this. As the Native American Chief Seattle said, "Everything's connected, anything that happens to Earth will happen to its children." Remember, Nature is talking, and it's up for us to respond.

Diogo Gomes 11.º 1A

Human Nature: Selfless always? Or always selfish?

How legitimate is the word "selfless"? Its definition in the dictionary "concerned more with the needs and wishes of others than with one's own; unselfish". Philosopher Friedrich Nietzsche, had in his ideals that while ethically virtuous, helping others could be proven to be degrading and demeaning to oneself going as far as calling it a doctrine made by the weak for the weak". Objectivist philosopher Ayn Rand radically claimed that some of the world's biggest problems were caused by altruism. In contrast, the actual creator of the ethical doctrine of altruism itself, Auguste Comte, describes his thesis in one phrase: "Live for others" and claimed to be a very positive concept that proved to be peaceful and fulfilling in one's life. Altruism is then a subjective concept in itself making it difficult to pinpoint an exact ethic thesis to be correct.

Mariana Reis 11.º 4

Great stories

Patrícia Mendes Professora de Inglês

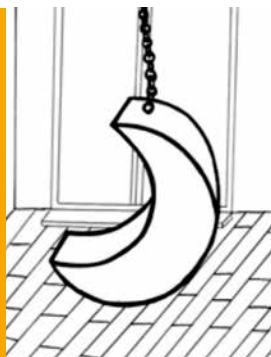
Os textos que se seguem são trabalhos dos alunos do 9.º ano de escolaridade, no âmbito da leitura extensiva e da unidade sobre livros e filmes: *Great stories*.

Esta seleção procura mostrar a reflexão e a capacidade de expressão em língua inglesa dos alunos que se aventuraram por leituras à sua escolha e que, a partir delas, foram descobrindo um pouco mais do mundo e de si próprios. Foi-lhes pedido que não se cingissem à história e ao seu reconto mas que pudessem transmitir a mensagem principal numa apropriação do livro que lhes permitisse experimentar uma outra dimensão da leitura de ficção, para além da lúdica, ou seja:

se a leitura da ficção existe é também porque o leitor é capaz de, por seu intermédio, ter acesso a temas, ideias e valores que directamente lhe interessam e favorecem a sua auto-questionação. (Carlos Reis e Ana Cristina Macário Lopes no verbete "leitura" do Dicionário de Narratologia, 1990:213)

Along the book *A Lua de Joana*, written by Maria Teresa Maia Gonzalez, we learn that Joana has the moon-shaped bench she always wanted. This is the bench I have in mind as it stands for the one the main character used to think about life when she was sad and to write the letters we read through the book.

Inês Mourinho Félix 9.º B



I've read many books, but if there's one that I believe everyone should read: *A Room of One's Own*, by Virginia Woolf, as I believe it brings an interesting insight on how female writers have been treated throughout history.

It's an amazing essay (it was later published as a book) by Virginia Woolf. The book tells the story of a woman who decides to search for female writers in history.

The book makes a lot of interesting points on gender equality and on how most people (especially women) need/needed to have money in order to pursue their dreams, in this case, the one of writing. It also explains how men had more opportunities than women.

Especially today, when the feminist movement is stronger than ever, everyone should rethink some things and read this book.

Henrique Rodrigues 9.º A

EM DESTAQUE Não quero dormir agora

Filipe Glória e Silva Pediatra do Neurodesenvolvimento

CICLO ESCOLAR	Tempo de Sono		
	Estatística	Dias de Semana	Fim de Semana
2.º Ciclo	Quartil 1 (25%)	9h	8h30m
	Mediana	9h30m	10h
	Quartil 2 (75%)	10h	11h
3.º Ciclo	Quartil 1 (25%)	8h15m	8h30m
	Mediana	8h45m	9h30m
	Quartil 2 (75%)	9h15m	10h30m
Secundário	Quartil 1 (25%)	7h	8h30m
	Mediana	7h50m	9h
	Quartil 2 (75%)	8h17m	10h

Tabela 1.

Este foi o título de uma conferência sobre os dilemas do sono e os efeitos do sono inadequado, que ocorreu no dia 4 de dezembro de 2018 no Colégio Valsassina, com sessões para alunos e para pais e professores. A conferência foi precedida por um questionário sobre os hábitos de sono que foi preenchido pelos alunos do 5.º ao 12.º ano, com 338 respostas. Os resultados do tempo de sono dos alunos são apresentados na Tabela 1. Chama-se a atenção para a duração mediana no fim de semana que corresponde ao tempo de sono recomendado no 2.ª e 3.º ciclos. Nos dias de semana, os alunos dormem menos. Cerca de 25% dormem menos 1h do que o recomendado para a idade, o que se relaciona com a hora de deitar mais tardia.

Mas porque é que é tão difícil deitar cedo?

Partimos desta questão para o início da conferência. Vimos como o sono é regulado por um relógio biológico que é sincronizado pelo ciclo de luz do dia. As pessoas podem ter diferentes *cronotipos* que são tendências inatas de horários. Existem pessoas mais matutinas que gostam de acordar cedo e têm muito sono no final do dia. Por outro lado, existem pessoas para quem é penoso acordar cedo e ficam facilmente acordadas até tarde. Outro dado importante é que, na adolescência, existe uma tendência para ter sono mais tarde (atraso de fase). O problema é que os horários da escola e do trabalho não são fáceis de mudar, o que resulta em privação crónica de sono para muitas pessoas.

As funções do sono são um tema que não está ainda completamente esclarecido. Contudo, existe uma vasta evidência de que uma das principais funções é o descanso e reposição de funções cerebrais essenciais. Os estudos de privação de sono mostram efeitos negativos ao nível da capacidade de concentração, do raciocínio abstrato, da capacidade de resolver problemas e da memória, funções essenciais para a aprendizagem. O sono inadequado reflete-se também em pior humor, com irritabilidade e maior suscetibilidade aos acontecimentos negativos.

A evidência científica mais recente é de que a atividade fisiológica do organismo está intimamen-

te relacionada com os ciclos do sono-vigília. Por isso, existe associação dos problemas do sono com maior risco de obesidade, diabetes *mellitus*, hipertensão arterial e até algumas formas de cancro.

Assim, compreendemos que o sono é uma necessidade fisiológica essencial que tem, imperiosamente, de ser colocada na nossa agenda. A decisão de deitar mais cedo requer uma revisão das rotinas do dia, prioridades e regras de hora de deitar para as crianças e adolescentes.

O estímulo luminoso dos ecrãs (TV, tablet, consolas, telemóvel) antes da hora de deitar é um fator fácil de controlar que pode atrasar a chegada do sono. Existem estudos que mostram uma clara associação entre ter estes dispositivos no quarto e deitar mais tarde, portanto, o seu uso deve ser controlado e limitado.

Ter um mau sono, dificuldade em adormecer sozinho, despertares frequentes ou terrores noturnos não é uma fatalidade. São problemas com solução. Quando as estratégias da família não resultam, existem cada vez mais recursos especializados nesta área que podem ajudar.

Coloque o sono na sua agenda e na agenda dos seus filhos para poderem viver a sua vida na melhor versão de si próprios, com mais saúde, mais capacidades e maior bem-estar.

EDUCAR PARA

o conhecimento científico e para as Artes



“O projeto permitiu dinamizar a curiosidade e a receptividade dos alunos em relação a temas de natureza científica. Ao destacar a dimensão da criatividade, estimulou a sensibilidade artística e as capacidades de invenção.”

O Cérebro e o Mar

Irene Costa, Fátima Monteiro e Ana Paula Ferreira Professoras do 3.º Ano, Maria de Jesus Ferreira e Rita Coelho Professoras de Expressão Plástica e Alexandra Bandeira Consultora Científica Teresa Heitor Coordenação do Projeto

O Projeto O CÉREBRO E O MAR compreende um conjunto de seis infografias com temas distintos relacionados com a atividade cerebral e o mar, desenvolvidas pelos alunos do 3.º ano do Ensino Básico em resposta ao Concurso USA O TEU CÉREBRO lançado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Este Projeto foi concebido em articulação com o projeto multidisciplinar em curso no presente ano letivo (2018/19) intitulado O MAR É TUDO e envolveu um total de 73 alunos. Associou conteúdos ministrados na disciplina de Estudo do Meio - Bloco 1 (À Descoberta de si mesmo, módulo: o seu Corpo), com as aprendizagens realizadas no atelier de Expressão Plástica através de um modelo de aprendizagem baseado na observação, na experimentação e na aplicação de diferentes formas de comunicação dos conhecimentos adquiridos pela integração das expressões oral, escrita e gráfica.

Com o auxílio de métodos imagiológicos funcionais (tractografia e MRI funcional), foi nosso objetivo levar este grupo de alunos da faixa etária dos 8-9 anos, a usarem o cérebro por meio de pequenas experiências, de modo a compreenderem: 1) como o cérebro está organizado (áreas funcionais corticais e tractos que as ligam ao exterior e a outras áreas do sistema nervoso central); 2) a complexidade da informação que acede às diversas partes do cérebro e como ele está organizado em áreas vitais, funcionas e superiores (cognitivas e voluntárias); e 3) que o cérebro é a estrutura anatómica mais complexa que o nosso organismo possui, porque não só permite captar e armazenar informação proveniente de todo o exterior, como gera conceitos/ideias. Esses conceitos podem ser exponencialmente complexos em relação aos estímulos que levaram o cérebro a criá-los porque as redes/tratos do cérebro permitem ativar zonas secundárias, para além das estimuladas pelos órgãos dos sentidos.

Os alunos concluíram que o que faz o Cérebro ser “mais vasto que o Universo” é o facto de, mesmo sem a ajuda ou a intervenção do exterior, ele poder gerar conceitos/ideias que, ao disseminarem através das redes do cérebro, podem ir ativar áreas diversas, que poderão gerar conceitos novos. O resultado da transmissão desses conceitos através das mesmas redes por gerações sucessivas de seres humanos tem sido a evolução da espécie. E, isto tudo, consegue ser armazenado num órgão que não pesa mais de 1,5 kg!

O projeto permitiu dinamizar a curiosidade e a receptividade dos alunos em relação a temas de natureza científica. Ao destacar a dimensão da criatividade, estimulou a sensibilidade artística e as capacidades de invenção.

Publicamos nesta edição da Gazeta Valsassina as três primeiras infografias. As restantes três serão apresentadas na edição de Junho da Gazeta.

Agradecimento

Para a realização deste projeto foi possível contar com a colaboração e disponibilidade da **Dr.ª Alexandra Bandeira**, que orientou a nível científico os trabalhos de alunos e professores. O nosso agradecimento por tão importante presença e orientação.

EDUCAR PARA Projeto: O Cérebro e o Mar

o conhecimento científico e para as Artes

O que nos transmite o Mar quando o olhamos?

Quando olhamos para o mar podemos ver várias coisas: as suas cores de vários tons de azul e verde, a sua luz, que depende da hora do dia, o seu brilho, transparência, as marés, as ondas grandes ou baixinhas. Olhar o mar acalma. Ver nascer o pôr do sol perto do mar é sempre um espectáculo da natureza.

Então quisemos saber como nós somos capazes de ver o mundo. Ficámos a saber que é o cérebro que interpreta os sinais que entram pelos nossos olhos. A luz entra no olho e faz com que as células nervosas do olho enviem sinais elétricos para o cérebro. “Cada olho só envia metade da imagem para a metade contrária do cérebro” e o cérebro transforma a visão dos dois olhos numa só imagem. O Cérebro funciona como uma “câmara” que tem de entender todos os sinais, cores e objetos para vermos tudo direito.

Alunos: Leonor Caldeira Dias, Maria Mendes Santa-
na, João Francisco Gonçalves, Afonso Esmeriz Bouça,
Tiago Fortuna Carvalho, Sonia Yang, Constança Duque
Ferreira, Mónica Filipa Wu, Duarte Sobrinho Gallego,
Leon Guan, Maria Manuel Botelho, Joana Torres
Coelho, Andreia Pedroso 3.º Ano

Professoras: Irene Costa e Maria de Jesus Ferreira
Consultora científica: Alexandra Bandeira

**“Olhar o mar acalma.
Ver nascer o pôr do sol
perto do mar é sempre um
espectáculo da natureza.”**

O CÉREBRO E O MAR

Como a visão chega ao cérebro?



Nós dependemos muito da visão para interpretar o que está à nossa volta.

Os olhos são a entrada para o cérebro.

Deixar que o nosso cérebro tenha evoluído no sentido de obter preferencialmente informação a partir do exterior através da visão.



Nós percebemos que não são as imagens de cada olho que chegam ao lado oposto do cérebro, mas são as duas metades direitas (uma de cada olho) que chegam ao lado esquerdo do cérebro, por exemplo. É por isso que vemos as coisas com volume e textura (em 3 dimensões).



A visão e a memória têm uma ligação muito forte: se não nos lembrarmos do que vemos, não compreendemos o que estamos a ver.

O cérebro tem uma parte superior ou PENSANTE que se chama TELENCEFALO, tem partes que tornam os movimentos mais certos DENCEFALO e CEREBELO, tem uma parte que controla as funções vitais e por onde passam vias que ligam o cérebro ao exterior, o TRONCO CEREBRAL.



Como os humanos estão muito dependentes da visão (mais do que dos outros sentidos), o nosso cérebro criou muitas vias (conjunto de nervos) de ativação de áreas secundárias na parte PENSANTE e nas outras partes do cérebro para podermos reagir ao que vemos.

O CÉREBRO E O MAR

Por que ouvimos o som do mar?

O som entra nos ouvidos e aí é transformado em informação que o nosso cérebro percebe, ou seja, liga a uma via que quando chega à superfície do cérebro do nos os sons que estamos a ouvir.

O som também nos consegue relaxar, dar felicidade ou fazer memórias porque os sons do nosso cérebro estão ligados entre si e podem atuar outras vias sensoriais.

Por exemplo, como a capacidade de memória vamos ligar outras zonas do cérebro que normalmente não seriam afetadas só pelo som. Os diferentes sistemas do mecanismo que é o nosso cérebro existem em harmonia, não são isolados.

As ondas ligam diversas zonas do cérebro. Cada uma dá respostas diferentes, têm suas funções, mas podemos usar todas em conjunto, assim, fazemos coisas diferentes, mas imaginamos para partilhar ideias com outras pessoas.

Essas pessoas, ao receberem essas informações, que são transformadas para diferentes respostas das suas células, podem criar ideias e funções. Naturalmente todas têm origem na informação que recebemos através dos sentidos.

É assim que nós, no futuro, vamos de novo cérebro para estudar em conjunto.

Como ouvimos o som do Mar?

O som do mar, das ondas a bater nas outras ondas, nos rochedos e na areia faz-nos sentir muito bem. É um som que nós consideramos agradável, relaxante e influencia o nosso corpo e a nossa mente. Sendo assim, escolhemos este tema porque gostaríamos de saber de que forma é que o nosso cérebro reage aos sons, quer sejam agradáveis ou menos agradáveis e para sensibilizar as outras crianças e os adultos para a importância de sons agradáveis para o nosso bem-estar.

Alunos: José Nuno Vargas, Beatriz Garcia Castro, Francisco Pereira Monteiro, Tomé Gaspar Ferreira, Santiago Santos Becker, Mariana Rodrigues Mata, Msaria Briters Varela-Cid, António Xia, Yajing Chen, Guang Zhi Ye, Henrique Lobo Bação 3.º Ano

Professoras: Fátima Monteiro e Maria de Jesus Ferreira
Consultora científica: Alexandra Bandeira

O que o Mar nos transmite quando o sentimos?

O que nos transmite o Mar quando o sentimos? Quando experimentamos entrar no mar as sensações são imensas: refresca, arrefece, faz-nos flutuar ou empurra-nos para nadar e brincar na rebentação das ondas. Raramente o mar nos aquece mas quando nadamos e nos mexemos deixamos de sentir frio rapidamente. Então quisemos saber como os sinais de frio e quente são enviadas ao cérebro. Ficámos a saber que estas sensações estão ligadas ao sentido do tato e também que o “cérebro funciona à base de eletricidade”, que “é como um computador”, em que “todos os nervos que transportam eletricidade se cruzam” e que “há células nervosas especiais na pele, chamadas termorreceptores, que enviam os sinais de quente e frio para o cérebro”.

O CÉREBRO E O MAR

Como o frio e o calor do mar chegam ao cérebro?

O nosso cérebro funciona como se fosse um computador.

Precisa de receber informação de fora para chegar por várias vias.

Quando mais informações, mais problemas conseguimos com os dados armazenados na nossa memória e podemos interagir mais eficazmente com o exterior.

O frio e o calor são exemplos de informações que chegam à área sensorial da superfície do nosso cérebro. Essas informações podem vir da pele mas também das articulações e dos músculos. É assim que percebemos a importância que essas informações têm para nós.

A informação que vem de fora chega até ao cérebro com a ajuda da Medula Espinal e dos nervos da cabeça.

Essa informação é tratada por zonas específicas da superfície e da parte inferior (interior) do PROSÓNCÉALO (a parte de cima do nosso cérebro).

As informações que vêm do lado direito do corpo chegam à parte esquerda do cérebro porque as vias cruzam-se para o outro lado (algumas na medula espinal, outras no tronco cerebral).

Quando essas informações não chegam à superfície do cérebro, temos reações mais lentas, como se reflexos ou ações não acontecerem quando nós tocamos na água muito fria.

Quando as informações atingem a superfície do cérebro, sabemos que estamos a sentir frio (quente) porque ativamos as partes do tato e as vias que levam à memória.

Alunos: Tomás Serrão, Cristina Dai, Beatriz Moreira, João Pedro Monteiro, João Miguel Gomes, Martim Fernandes, Pedro Silva, Diogo Abreu, Flor Ferreira, Laura Silva, Beatriz Pereira, Leonor Gomes 3.º Ano
Professoras: Irene Costa e Rita Coelho
Consultora científica: Alexandra Bandeira

EDUCAR PARA Cidadania e para a proteção dos Oceanos

Escola Azul, Educar para a literacia do oceano: Uma questão de cidadania

Andreia Luz e Mariana Marques Coordenadoras dos projetos ecoValsassina e Escola Azul



Visita a praia rochosa, “Apanhámos muito lixo nesta praia. A maior parte do lixo recolhido eram cigarros e plásticos.” Alunos do 1.º Ano



MARE – “A Era do Lixo Marinho”, “Aprendemos que não devemos usar plásticos, nem deitá-los para o Mar para evitar as ilhas de plástico em Oceanos. Os plásticos e microplásticos não afetam só os animais marinhos, mas também as pessoas que depois comem peixes que comeram esses microplásticos.”

Alunos do 1.º e 2.º Ano



A escola vem ao MARE – “Aprendemos muito com a visita ao MARE, como por exemplo que os investigadores andam à procura de uma

forma de aproveitar os peixes que são pescados, mas que não servem para a nossa alimentação.” Alunos do 3.º Ano

A **Escola Azul** é um programa educativo do **Ministério do Mar** que tem como missão promover a Literacia do Oceano em Portugal. Entende-se por **Literacia do Oceano** a compreensão da influência do oceano em nós e da nossa influência no oceano. Neste sentido, no Colégio Valsassina, procura-se trabalhar o Oceano de um modo estruturado, interdisciplinar e vertical, sem se restringir ao contexto de sala de aula, e com reflexo a nível social. O programa Escola Azul integra ações de educação marinha multidisciplinares numa rede de parceiros diversificada dirigida às escolas azuis.

Os nossos alunos têm vindo a ser desafiados a pensar o oceano, a conhecê-lo, a identificar problemas e possíveis soluções através de pesquisas, debates, participação em atividades práticas e lúdico-pedagógicas, dentro e fora da sala de aula, com a ajuda da Rede de Parceiros Escola Azul.

Desde a infantil até ao 12.º ano, as atividades propostas visam promover um maior conhecimento dos oceanos e a alteração de comportamentos que contribuam para a sua conservação, tendo em vista a sustentabilidade e a necessidade de proteger a biodiversidade marinha.

Com um destes parceiros, o “MARE”, Centro de Ciências do Mar e do Ambiente, alguns dos nossos alunos tiveram a oportunidade de personificar verdadeiros biólogos marinhos, ao participarem na atividade “Biólogo por um dia”. Outros já são capazes de identificar diferentes tipos de lixo marinho, as causas e fontes deste tipo de poluição, assim como o seu impacto nas espécies marinhas. Com a atividade, “A Era do Lixo Marinho”, promoveu-se o debate acerca dos desafios ambientais e de sustentabilidade que enfrentamos, com o objetivo de motivar os alunos para práticas e medidas a adotar para a redução do lixo marinho. Através da atividade prática laboratorial “A poluição nos Oceanos”, puderam ver de perto a influência da poluição nas espécies marinhas. Estas atividades, assim com a visita ao Museu do Mar – Rei D. Carlos, a visita Caravela Vera Cruz, as “Conversas para alunos - Um Mar de pequenos nadas”, promovidas pela Direção Geral de Política do Mar, levam os alunos a uma melhor compreensão da importância do oceano nas nossas vidas.

O Colégio Valsassina como Escola Azul procura promover um conhecimento integrado sobre o oceano, através da multidisciplinaridade e flexibilização curricular, sublinhando a importância da Educação para a Cidadania que contribui para a formação de jovens responsáveis pelo ambiente e sustentabilidade dos nossos oceanos.

MARE – “Biólogo por um dia – a morfologia interna e externa de um peixe” – “Aprendemos que algumas espécies têm a boca extensível para se poderem alimentar. Tomámos consciência de que ao nos alimentarmos de peixe que ingeriu microplásticos, também nós o ingerimos.” Alunos do 4.º Ano



EDUCAR COM e pelas Artes

Literacia musical e sensibilização artística: uma experiência interdisciplinar das artes

Irene Costa, Fátima Monteiro e Ana Paula Ferreira Professoras do 3.º Ano, Maria de Jesus Ferreira e Rita Coelho Professoras de Expressão Plástica e Maria João Craveiro Lopes Professora de Expressão Musical



Enquadrado no projeto *O MAR É TUDO* foi lançado aos alunos do 3.º ano o desafio de participarem na iniciativa lançada pela *Jurmal Art School – XVIII International Visual Art Competition “I live by the sea”*, este ano sob o tema da tempestade marítima.

Esta iniciativa foi desenvolvida de forma articulada nas disciplinas de Expressão Musical e Expressão Plástica e estruturada em torno de cinco objetivos: “pesquisar; descobrir; relacionar; inventar; refletir”. Pretendeu-se desta forma seguir uma aprendizagem centrada nos fundamentos da educação pela arte, aqui entendidos como estratégias educativas capazes de motivar a experimentação e a vivência do mundo de forma interpretativa e reflexiva e, simultaneamente, estimular a curiosidade, a imaginação e as capacidades de invenção contribuindo para a literacia musical e sensibilização artística.

Na Expressão Musical o tema da tempestade marítima foi trabalhado a partir das obras de Vivaldi, dando-se relevo ao seu virtuosismo enquanto violinista e compositor da invenção e harmonia, e realce à obra as Quatro Estações. Fez-se notar como no 2.º andamento do Verão (Concerto para violino RV 315) a música pode sugerir o *temor dos relâmpagos e dos feros trovões (...)* inicia-se o *tumulto furioso*, tal como é apontado no soneto que é atribuído a este excerto. Para completar esta ideia,

recorreu-se ao Concerto para flauta e orquestra *La Tempesta di Mare (RV 433, Op. 10/1)*, também de Vivaldi. Depois da audição ativa de excertos destas obras os alunos *desenharam a música*, notando sobretudo como a Dinâmica (forte/fraco) e Velocidade (rápido/lento) influenciam o movimento e força das linhas que livremente iam traçando.

No atelier de Expressão Plástica o tema foi abordado a partir da observação de obras de arte representativas de tempestades marítimas e naufrágios, retratadas por artistas reconhecidos em diferentes épocas e com diferentes técnicas, como a gravura, o desenho, a aquarela e a pintura a óleo. A cada aluno foi então dada a oportunidade de expressar as suas ideias, sentimentos e atmosferas com recurso a técnicas de guache ou caneta de feltro ou óleo pastel. Após terminado o trabalho todos atribuíram um título dando sentido à sua representação: “o mar zangado”, “o dia do terror”, “o mar da morte”, “turbulência no mar”, “naufrágio” ou a “grande onda” são alguns dos títulos atribuídos e que revelam o processo criativo, a par de refletirem diferentes sensibilidades e formas de encarar o tema.

Desenhando sempre com a mesma caneta em A4, de acordo com a dinâmica e velocidade da música: Tempestade do Mar, Vivaldi

Deixei ir a mão. Fiquei surpreendida com o que fiz sem fazer uma coisa específica. A mão deixa-se levar só com a música. **Flor 3.º B**

Gostei deste trabalho, além da música ser boa deixou a mão ir à sua vida e fazer o que ela queria. **Duarte 3.º B**

Gostei, mas achei um bocadinho difícil, porque era precisa muita atenção à música e concentrarmo-nos no papel. **João Francisco 3.º B**

A minha mão fez o que ela queria mas, apesar disso, parece que desenhei coisas reais. **Tomás 3.º B**

No início eu fiz um pouco mais forte como a música e depois mais leve, desenhei e desenhei e saiu um pássaro. **Tiago 3.º B**

Parecia que a mão não estava em mim e que estava livre a desenhar, pensei que ia sair mal, mas afinal até saiu bem. **Maria 3.º B**



EDUCAR PELA

Arte e para o património



Traces and Writings in History. A propósito da viagem da laranja doce pelo mundo.

Carla Alvarenga, Carla Caldeira e Andreia Cortes Professoras do 4.º ano e Maria de Jesus Ferreira e Rita Coelho Professoras de Expressão Plástica

Os alunos do 4.º ano participaram no Concurso Internacional de Artes “Traces and writings in history” lançado pelo *Centro UNESCO Louis François* sediado em França. O tema do concurso remetia para a exploração de evidências e manifestações culturais no mundo e a sua valorização enquanto património, tendo “por missão incluir a infância e a juventude na memória da humanidade.”

Esta participação, enquadrada no projeto anual *O MAR É TUDO*, foi desenvolvida de forma articulada nas disciplinas de Estudo do Meio e de Expressão Plástica. Permitiu ir à descoberta das marcas deixadas pelos Portugueses no mundo e despertar nos alunos a curiosidade e o interesse pelo conhecimento, apropriação e valorização do nosso legado cultural.

No âmbito da História de Portugal, os alunos pesquisaram os feitos dos portugueses durante a Expansão Marítima, nos séculos XV, XVI e XVII.

A descoberta do caminho marítimo para a Índia (1498) proporcionou aos navegadores portugueses o contacto com inúmeros países, de diferentes línguas e a descoberta de novos produtos trazidos para a Europa.

Através de vídeos, livros e pesquisas, os alunos abordaram, na disciplina de Estudo do Meio, as rotas seguidas pelos nossos marinheiros na descoberta de produtos que vieram engrandecer a economia do nosso país e projetar a cultura portuguesa no Mundo. Na rota dos frutos, estudaram a descoberta da “laranja doce”, não apenas como produto de ornamentação como mais tarde um elemento que começou a fazer parte da alimentação dos povos, sendo hoje o segundo fruto mais consumido em todo o mundo.

Tomaram conhecimento de que a laranja tem provavelmente as suas origens na China como uma fruta amarga, sendo cultivada desde 2500 a.C. Também foram encontrados vestígios de laranja da variedade amarga em Assam, na Índia e em Myanmar. Da Ásia, onde eram conhecidas pelo nome *narang*, as laranjas amargas terão chegado à Europa através dos portugueses no tempo das cruzadas. Foram plantadas em regiões do norte de África no século I d. C. e no sul de Espanha no VII ou VIII século d. C. E pelo ano de 1200, as plantações de laranja amarga ocupavam vastas regiões da Andaluzia, entre Sevilha e Granada, bem como regiões do Sul de Portugal. Mas foi só no séc. XVI que a laranja doce foi divulgada ao mundo pelos portugueses e introduzida na Europa nas regiões meridionais. Desde então muitos países nomearam este fruto com a designação de Portugal, como o Búlgaro *portokal*, Grego *portokali* (πορτοκάλι), Persa *porteghal* (پرتقال), e Romeno *portocală*. Em Napolitano é designado por *portogallo* ou *purtualle*, em Turco por *Portakal*, em Árabe *al-burtuqal* (البرتقال), e em Georgiano por *phortokhali* (ფორტოხალი).

O tema da “viagem da laranja doce pelo mundo” foi depois trabalhado no atelier de Expressão Plástica com grande entusiasmo. Numa

“... despertar nos alunos a curiosidade e o interesse pelo conhecimento, apropriação e valorização do nosso legado cultural.”



primeira fase de aproximação e sensibilização ao tema, procurou-se conjugar a experiência de fruição estética com as aprendizagens realizadas em Estudo do Meio de modo a estimular a criatividade e as capacidades criativas dos alunos.

Tratando-se de uma “viagem pelo mundo”, os alunos começaram por observar e comparar mapas antigos e mapas atuais do mundo interpretando o vocabulário cartográfico, de modo a reconstituírem espacialmente os percursos realizados pela laranja-doce. Paralelamente foram confrontados com representações pictóricas (desenhos, gravuras e pinturas) relacionadas com as viagens dos Portugueses pelo mundo, onde puderam analisar os diferentes tipos de embarcações utilizadas nas viagens, bem como os inúmeros instrumentos e artefactos náuticos. Passou-se a questionar, a partir das representações observadas, os modos de vida e costumes a bordo, bem como os problemas enfrentados e as soluções encontradas.

Foi portanto com base na obra “A viagem das plantas e os descobrimentos portugueses” de José E. Mendes Ferrão¹, que os alunos visualizaram várias ilustrações científicas de citrinos bem como de outras espécies encontradas e divulgadas pelos Portugueses, sendo esse um momento indicado para abordar as técnicas de desenho científico. Técnicas essas que exigem um trabalho minucioso e que reúnem uma dimensão artística e científica que sujeitam o ilustrador a uma observação atenta e criteriosa daquilo que se está a representar.

Os alunos ficaram ainda a perceber que a ilustração científica moderna teve o seu início a partir do séc. XVI, exata-

mente na época da “viagem da laranja doce pelo mundo”, quando os exploradores, os naturalistas e outros cientistas da altura pretenderam descrever, não só as plantas e os animais que encontravam, como também os habitantes e os lugares do novo mundo por onde passavam. E, uma vez que estas ilustrações tinham a grande preocupação de contar e representar uma realidade desconhecida, utilizavam desenhos muito rigorosos e detalhados bem como anotações explicativas das suas características.

Tornando-se indispensável à divulgação da ciência e à preservação da história da natureza, a ilustração científica tem vindo a ser aperfeiçoada por meio de novas técnicas e ferramentas digitais conjugadas com técnicas de desenho à mão.

Após esta abordagem histórica passou-se à fase de produção criativa. Individualmente os alunos elaboraram desenhos interpretativos com óleo pastel em cartolinas de formato A3, sendo que alguns optaram ainda por recorrer a técnicas de colagem. Uma representação reinterpreta os mapas do mundo para descrever os percursos da laranja doce, enquanto outras concentram-se na sua chegada a terras distantes e na interpretação dos ambientes do novo mundo.

Os trabalhos realizados, pela diversidade que exibem, refletem um percurso acompanhado de exploração e de compreensão das particularidades de “A viagem da laranja doce pelo mundo”. Neste percurso procurou-se fomentar uma aprendizagem significativa e contextualizada relevando a importância da **educação pela arte** e da **educação para o património** no processo educativo.

Relatos da experiência vivenciada pelos alunos do 4.º ano

“Depois de termos pesquisado na aula sobre a origem da laranja, foi maior a motivação para representarmos a rota das nossas caravelas, na descoberta deste fruto, na aula de Expressão Plástica.”

“O trabalho foi interessante, falámos sobre a descoberta da laranja e as grandes viagens de caravela.”

“Acho importante lembrar os tempos passados, lembrar os esforços feitos pelos navegadores portugueses. Graças a essa dedicação, hoje comemos laranjas doces.”

“Em vários países, a laranja é conhecida por «Portugal».”

“Gostei de trabalhar a rota das laranjas e o percurso até chegarem a Portugal. Este fruto passou por tantos países! Na pintura desenhamos laranjas por dentro e por fora e recortámo-las.”

“A laranja é uma das frutas mais cultivadas e consumidas no Mundo. Originária da Ásia, provavelmente da China, foi introduzida no Brasil pelos portugueses.”

“A laranja cresceu na China como uma fruta selvagem e amarga.”

“Os navegadores portugueses levaram sementes de laranja para a América”.



Trabalhos dos alunos do 4.º Ano.

¹ Ferrão, Jose E. Mendes. (1992) – A viagem das plantas e os descobrimentos portugueses” Lisboa. IICT/Fundacao Berardo, 1992

Entrevista com o Professor e Investigador Miguel Mochila

Trabalho realizado pelos alunos **Federico Cestelli, Flora Salem, Pedro Gaspar, Marta Bastos, Maria Rita Carvalho, António Ribeiro, Catarina Ferreira e Maria Inês Pinheiro 11.º 1A**



Miguel Mochila

Miguel Filipe Mochila nasceu em Évora, em 1988. É investigador do Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa e está a concluir o seu doutoramento em Literatura Comparada, com um projeto financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Tem colaborado com a imprensa em matéria cultural relacionada com as culturas hispânicas. Traduziu autores como Roberto Arlt, Julio Cortázar, Juan José Saer, Samanta Schweblin, Ernesto Sábato, Adolfo Bioy Casares, Blas de Otero, Nicanor Parra, Joan Margarit, Luis Alberto de Cuenca, Ángel González ou Claudio Rodríguez. Além de poemas publicados em revistas e fanzines, publicou os livros *Tempo da Impaciência*, em 2016, e *Com a Língua nos Dentes*, em 2018, ambos na Artefacto. Foi professor de Português e Espanhol no Colégio Valsassina entre 2012 e 2015.

“O educando começa a fazer-se mestre quando começa a viver a sua própria vida, ou seja, a aprender, ou seja, a duvidar.”

Quais são as suas melhores memórias enquanto professor? Quais os pontos positivos da vida de professor que a vida de escritor e de investigador não lhe proporciona?

O professor, ou pedagogo, na Grécia Antiga, era aquele que levava o educando até ao Mestre. Literalmente: ia buscá-lo a casa e garantia que ele chegava à Academia, onde aprenderia com quem de direito. Parece-me uma bela imagem. É disso que tenho saudades: esse caminho na companhia dos meus alunos, entre o mundo conhecido, sabido, e o desconhecido, a saber. Os momentos mais felizes davam-se algures ali a meio do caminho, quando eles e elas perdiam o pé, davam pelo facto de terem abandonado já o quintal lá de casa e começavam a aprender. Isto é, a duvidar. Era então que eu fingia saber o caminho de cor. De *cor* significa «de coração». Eu só sabia o caminho «de coração», com a esperança de quem sabe que há-de chegar, para os deixar seguir o seu próprio caminho com o mestre, mestre esse que é, evidentemente, cada aluno e cada aluna por si mesmos. Devo esclarecer que, tal como o entendo, mestre não é aquele que sabe coisas dos livros, mas aquele que sabe da vida. Quanto à vida, porque ela é que é de direito, sabê-la é para quem a vive. O educando começa a fazer-se mestre quando começa a viver a sua própria vida, ou seja, a aprender, ou seja, a duvidar. E depois da dúvida, ou melhor, *durante* a dúvida, dá-se esse instante em que professor e aluno começam a caminhar lado a lado só de coração, porque já sabem que partiram e, como tal, podem chegar. As melhores memórias que guardo como professor são aquelas frações de segundo em que via a dúvida a brilhar nos olhos dos meus alunos, quando nos encontrávamos a meio de um verso, de um conto ou de uma palavra. Era então que eu via: abandonada a casa, estão já prontos para chegar, que é como quem diz: devo deixá-los partir. Não conheço esse tipo de companhia viva no caminho do escritor e do investigador. Há outras companhias, outros mestres, outros caminhos. Mas essa fração de segundo não.

Sente-se realizado com o percurso que está a fazer? Considera-se uma pessoa ambiciosa dentro desse percurso?

Só tenho ambições de justiça e de delicadeza. O único percurso que me sinto a fazer é o da minha própria vida e da minha própria pessoa e nesses domínios a minha ambição é desmedida. Quero olhar de frente para as pessoas, dar-lhes a minha atenção inteira, estar em absoluto com elas no mundo. E que todas as minhas ações possam aproximar-me disso. Nesse sentido, e em termos de ocupação profissional, é para mim fundamental ter encontrado campos de atuação que em muito ultrapassam a lógica do negócio: escrever, ler, traduzir, partilhar o espaço da sala de aula, tudo isso me permite participar de lugares de encontro e pôr em prática essa ambição, que guarda na verdade uma tremenda responsabilidade: ser merecedor da vida que me é dado viver e celebrá-la, ser justo com esse privilégio, ser delicado com a vida, estar onde estou, quando estou, com quem estou.

As viagens que realiza, como a que fez à Argentina, alteram a sua forma de viver a escrita?

Nunca me sinto a viver a escrita. Escrever é grafar, gravar, fixar – escreve-se uma palavra e logo ela deixa de respirar. Torna-se *invivível*. No que toca à vida, as viagens são componentes como quaisquer outros: algumas tocam-nos

profundamente e acompanham-nos para sempre, outras nem tanto. As viagens marcantes, como todo o tipo de encontros marcantes, modificam a vida e, como tal, inevitavelmente, modificam o que sou e o modo como escrevo. Na verdade, é só então que a poesia me acontece.

Uma vez fluente em Português e Espanhol, sente alguma diferença no tipo de escrita que cada língua despoleta?

Cada língua traça do mundo um mapa diferente. Digo-o em português, depois repito-o para mim mesmo em espanhol, e tenho já pelo menos dois mundos, pelo menos duas histórias, muitos milhões de pessoas a transacionar experiências nas suas próprias línguas e a concorrer para o que digo aqui e agora, com esta – e não outra – música. Há pontos de contacto em que uma língua se abeira da outra e lhe conta algo que ela compreende. Mas cada língua, como cada pessoa, tem o seu próprio coração, a sua própria cabeça e o seu próprio estômago. A poesia só me acontece em português. Porque é a minha língua e a poesia faz-se a partir de e em oposição à língua que herdámos. A poesia, escrevo-a apenas em português, porque só posso escrever com e contra a minha língua, como vivo com e contra aquilo que amo.

Quais foram as fontes de inspiração para as duas obras que publicou (em termos literários, mas não só...)?

Os dois livros de poesia que publiquei até à data são radicalmente diferentes. Digo «radicalmente», pois é a própria génese, o próprio ímpeto que os motiva, que pressupõe dois princípios diferentes. *Tempo da Impaciência* é um livro literário, no sentido em que ecoa um universo de escritor – com as suas ressonâncias de leituras, Luis Cernuda, Jaime Gil de Biedma, Joan Margarit, com o seu *querer escrever* aquém da vida. *Com a Língua nos Dentes* é o contrário disso: uma respiração, ou seja, uma memória inspirada e expirada – o sinal de uma presença viva. Foi escrito no curso de um período muito particular da minha vida, de mutação integral e quase de um fôlego, entre Buenos Aires, Barcelona, Lisboa e, sobretudo, Madrid. Bebe diretamente da vida, inspira-se nela, não tem rigorosamente nada a ver com literatura.

Atribuiu o título *Com a língua nos dentes ao seu mais recente livro de poesia. É um título curioso. Como se explica esta escolha?*

O único compromisso da poesia é com a verdade. Este livro resulta da minha descoberta de que só se pode escrever seriamente, assumindo que na poesia – como na vida – estamos inteiros, sem qualquer espécie de pudor, sem auto-complacência. Aconteceu-me *dar com a língua nos dentes*, isto é, dizer o que tinha a dizer, sem literatices, sem literatralha, todo eu com a minha língua de andar pelo mundo, física e verdadeiramente: com os dentes uma vez a rangerem de frio, outras a morderem um coração amável.

Que poetas, que poemas, apontaria como sendo os seus preferidos? Como se justifica essa preferência?

O único critério que me prende a dados poemas é o

da comoção que eles em mim suscitam. Há poetas que me acompanham como pessoas vivas, numa conversa permanente que me liga mais completa e intensamente à vida. Herberto Helder, Cesariny, Joan Margarit, Ángel González, Luis Cernuda, Blas de Otero são os poetas a que mais volto, pois em muitos dos seus poemas encontro a experiência moral de pessoas vivas.

Na sua opinião, qual é o papel da poesia nos dias de hoje?

A poesia, tal como a entendo e vivo, é uma irrelevância, uma inépcia de estar no mundo do capital, seja ele financeiro ou social. Quero com isto dizer que na poesia não se é assalariado nem famoso. Isso faz dela um território de liberdade, de uma relação imediata e limpa com o mundo, de um estar sem vistas do quê. Isto, nos tempos que correm, converte-a quase num derradeiro território do humano, da pessoa viva *porque sim*, posta diante de si mesma, cristalina a comunicar consigo mesma, numa solidão total que é o único modo autêntico de se estar com o outro. A poesia, como a arte, ou como uma conversa entre amigos que se amam sem porquê nem para quê, é o sítio onde a pessoa se salva.

De que forma é que a poesia pode contribuir para promover uma Educação para a Cidadania? E qual deve ser o papel da Escola neste processo? Como se podem envolver os alunos?

Platão expulsou o poeta da cidade, considerando-o perigoso para o necessário equilíbrio do trato – ou tratado – social. Temia nele a potência da traição à verdade, o engodo, o ser fantasmático, a sua habilidosa propensão para o imaginário, para a ilusão e para o engano. Ora a cidade é-nos já um dado: chegamos ao mundo e eis-nos cá, com estas convenções, estes tais rituais, códigos, negócios, de que nos convertemos todos necessariamente em funcionários. Como tal, Platão equivocava-se: a poesia, no seu colocar em suspenso a lógica da verdade, no seu renegar o ser funcionário, é uma das mais plenas formas de cidadania de que dispomos, pois justamente demite-se da cidade. Demitir-se da lógica da cidade é a única forma de se estar ativamente nela, meditando-a e salvando nela a pessoa que existe ao fundo de cada cidadão. Se o mundo – com as suas cidades, com os seus lugares de encontro entre pessoas – está em permanente construção, e como tal em contínua educação e reconfiguração da cidadania, a poesia, como território de investigação do humano, não obedecendo ao dado, não visando o «tal» sucesso, a tal capitalização financeira ou social, é uma educação do humano – e salva na cidade a pessoa, único valor que conheço. Neste sentido, a escola, como cidade que também é – e talvez a mais determinante, porque fundacional da pessoa – terá forçosamente de dar espaço à poesia: indagar não apenas o modo funcionário de ser, com os seus úteis saberes técnicos, profissionalizantes, lucrativos, mas explorar também o que nos faz humanos: a imaginação, a ilusão, a criatividade, a experiência herdada e a experiência partilhada, colocando de quando em quando o mundo entre parêntesis e deixando simplesmente que a pessoa encontre a sua expressão.

“Mesmo que os séculos nos pareçam distantes, a condição humana, os seus problemas, os sentimentos arrebatadores de tristeza ou alegria, as diferenças sociais subsistem e são transversais a todas as épocas...”

O Mestre Caeiro ensinou-nos que somos do tamanho do que vemos e não do tamanho da nossa altura. Partindo desta premissa, é preciso compreender que o ato de ver é, então, muito importante e que quanto mais virmos mais altos seremos.

Contudo, para ver melhor e mais alto, é necessário sair da ilha a que Saramago se referiu n’*O conto da Ilha Desconhecida*, lugar onde nos presenteou com o magnífico aforismo que *é necessário sair da Ilha para se ver a Ilha*, e que não nos vemos se não saímos de nós. Arrisco acrescentar-lhe que não vemos os outros se também não sairmos de nós.

Terminámos o final do ano letivo anterior viajando através dos olhos de Cesário, saímos assim da ilha, de nós e assumimos as suas deambulações reconhecendo no seu olhar uma cidade que traz “à luz do Sol, o intenso colorista” (Cesário, “Num bairro Moderno”), as diferenças sociais: os bairros insalubres e as casas apalaçadas a conviverem num espaço em que ora “reluzem as porcelanas” (Cesário, “Num bairro Moderno”) ora “miam gatas / E o peixe podre gera foco de infeção!” (Cesário, “O Sentimento de um Ocidental”).

Apanhámos o comboio dos que se vão felizes (Cesário, “O Sentimento de um Ocidental”) e chegámos à modernidade. Pessoa estava à nossa espera na mesma cidade que houvera sido de Cesário e nela fomos apresentados a Bernardo Soares que goza de sentir-se coevo de Cesário Verde e cujos versos não são os dele, mas de substância igual à dele.

Através de ambos pensámos a cidade: se está afinal tão longe de nós, se só existe na poesia do Sr. ° Verde ou na narrativa do semi-heterónimo. Se só a ambos a cidade desassossegava.

Deambulamos pelo livro de Soares que nos levou ao exercício: *Se a tua imagem fosse um desassossego*. A partir de um conjunto de imagens, distribuídas aleatoriamente pelos respetivos alunos das turmas 12.º 2, 3 e 4, todos foram convocados a interpretar a sua imagem e a encontrá-la num fragmento do livro. Posteriormente, teriam de justificar a escolha oralmente, assim como estabelecer a sua relação



Por ser jovem, o menino que tenta fugir para o quadro pode não ter noção desta impossibilidade de viver uma vida diferente da que nos é dada, o que nos remete para a temática da evocação de um passado, para uma certa nostalgia da infância perdida, onde podia ser feliz, onde o sonho não tinha limites e as realidades eram infinitas. [...]

A sensação despertada pela noção de impossibilidade de viver algo idealizado é a “mais pungente e triste” que o narrador sente. O “eu” lamenta-se por Deus não ter para ele “um paraíso feito disto”.

João Centeno 12.º 2

Por um lado, Cesário acredita que a cidade infeta as pessoas, esmaga-as e oprime-as, acabado por desvirtuar o que o Homem tem de bom [...].

Para Soares, a cidade também apresenta um efeito negativo no Homem, na medida em que o torna “estúpido” através das suas convenções sociais, rotinas e hábitos que o prendem e o impedem de sonhar.

A cidade não é mais que uma “salada coletiva de vida”, ou seja, retira-nos a identidade e aquilo que nos faz ser humanos: a alma e o sonho.

Rodrigo Santos 12.º 2

“... não vemos os outros se também não saímos de nós.”

Cesário tem a conceção de que algo na cidade infeta as mentes puras. Talvez não a passagem do tempo, mas a indústria, a miséria, a cidade por si só. [...]

Bernardo Soares deambula e observa a cidade com a qual não se identifica, sente um enorme vazio pela “salada coletiva de vida”, por perceber que já ninguém é genuíno.

Sem identidade, embebidos na rotina, vítimas da passagem do tempo, ninguém parece ser puro.

Teresa Cabral 12.º 2

mediante as características do autor, fazendo com isto o universo da turma viajar por essa imagem desassossegada.

Ler este livro, ou estes fragmentos, fez com que parássemos, pensássemos e tentássemos perceber o que é isso de haver em nós um desassossego, essa coisa da alma, cheia de metafísica, que não pode ser encontrada nem entendida sem que reflitamos sobre o mundo que nos rodeia.

Quer este texto concluir que a disciplina de Português pode e deve despertar a consciência cidadã de cada um de nós através dos autores e épocas literárias que vão sendo estudadas.

Num ensino que se discute tantas vezes desfasado da realidade, que transpõe tantas vezes o limite do nosso mundo, resta-nos alargar esse limite e aproximar o que há de vida na poesia e na narrativa. Vida capaz de ser pensada e sentida. Mesmo que os séculos nos pareçam distantes, a condição humana, os seus problemas, os sentimentos arrebatedores de tristeza ou alegria, as diferenças sociais subsistem e são transversais a todas as épocas literárias. Apenas se apresenta o desafio de desconstruir a distância entre as épocas e uni-las ao hoje, cruzando e desmistificado as palavras de ontem, dando-lhes sentido no presente e dando-lhes forma para o futuro.



A rapariga da imagem tem o universo em lugar da cara, reflexo de quem cá está cá não estando. É a atitude de quem procura o que não pode ter. [...] É a sensação de cá não pertencer. Os seus pensamentos são “sons que se constelam”. [...] O refúgio da rapariga, tal como o de Bernardo Soares, não está aqui...

João Fernandes 12.º 2



“Nunca certos com o que somos”, o “eu” passa pela vida, tenta entendê-la, tenta encontrar-se nela, mas tudo o que percebe no mundo das “pessoas normais” não é suficiente e, por isso, vai além, aos sonhos. Estrangeiro em si mesmo, torna-se outros e não ele, consciente de ser servo do Fado, aceita a sua condição de homem inadaptado, que não é mais do que um “eu” que se passeia a si e aos seus flamingos, às suas almas, na floresta da vida.

Patrícia Marques 12.º 3

EM DESTAQUE **Entrevista com a escritora Alice Vieira**

Trabalho realizado pelos alunos do 6.º Ano



No âmbito da atividade "Encontro com um escritor", realizada na disciplina de Português, os alunos do 6.º ano receberam a escritora Alice Vieira, no passado dia 30 de janeiro. Foi um encontro que suscitou uma grande dinâmica junto dos alunos, que procuraram conhecer um pouco melhor esta autora.

Alice Vieira

Alice Vieira nasceu em 1943, em Lisboa. É licenciada em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras de Lisboa.

Iniciou a sua carreira de jornalista aos 18 anos, no *Diário de Lisboa*. Trabalhou em vários jornais, entre os quais o *Diário de Notícias*, a cuja redação pertenceu até 1990, data em que deixou o jornalismo diário, para ficar como *freelancer*, sendo durante muitos anos colaboradora do *Jornal de Notícias* e da revista *Activa*. Atualmente está reformada do jornalismo, mas trabalha no *Jornal de Mafra* e, desde há 13 anos, na revista juvenil *Audácia*, dos missionários combonianos.

Em 1979 publicou o seu primeiro romance juvenil – *Rosa, Minha Irmã Rosa* – que nesse ano ganhou o “Pré-

mio de Literatura do Ano Internacional da Criança”.

Desde então tem publicado regularmente romances juvenis, poesia, teatro, recolhas de histórias tradicionais, livros infantis.

Recebeu o prémio Calouste Gulbenkian em 1983 pelo seu livro *Este Rei Que Eu Escolhi*; o Grande Prémio Gulbenkian pelo conjunto da obra (1984); o Prix Octogone pela edição francesa de *Os Olhos de Ana Marta* (2000); a “Estrela de Prata do Prémio Peter Pan” pela edição sueca de “Flor de Mel”, e foi várias vezes distinguida com o Prémio Corvo Branco, atribuído pela Biblioteca Internacional da Juventude de Munique.

Fez parte da equipa de escritores dos programas de televisão “Rua Sésamo”, “Jornalinho”, “Hora Viva”, “Arco-Íris”, etc. Ultimamente tem-se também dedicado à literatura para adultos.



O que é que se consegue “ler” através da sua escrita?

O que eu gostaria que se conseguisse” ler “ nos meus livros era a realidade que nos rodeia. (Influências do jornalismo, acho eu...). Eles foram todos escritos em épocas diferentes, por isso – espero – refletem essas épocas.

Tem algum conselho de escrita que nos possa dar?

Os conselhos, neste caso, não servem de nada. Ou gostas, e contínuas, ou não gostas e largas. Mas, se há conselho que se possa dar é não ter pressa. Tens de rasgar muito, muito. Nada acontece logo bem à primeira e ... é preciso ler muito, claro.



“É preciso ler muito.”

Qual é a parte mais difícil de ser escritora? E a mais fácil?

A escrita é sempre difícil e nunca pensem que é uma coisa fácil. A história, a maneira de escrever essa história, fugir das palavras e frases abstratas que não querem dizer nada. O concreto é sempre muito mais importante. Lembro-me de um dia, a seguir ao 25 de Abril, ter feito parte do júri de um concurso de jovens sobre esse tema: “O que foi para ti o 25 de Abril?” E aquilo eram lugares comuns atrás de lugares comuns: o dia da liberdade, o dia em que caiu a ditadura, etc, etc... Até que um miúdo tinha escrito apenas: “O dia 25 de Abril foi o dia em que o meu pai deixou de bater na minha mãe”. E claro que ganhou.

Algum dos seus defeitos ou alguma das suas qualidades já interveio numa das suas obras?

Se lerem os meus livros com atenção, veem que eu intervenho muito pouco... Entram muitas tias, muitas avós... Mães aparecem muito pouco ou não são relevantes. Nos primeiros livros fui muito influenciada pelos meus filhos, esses sim, apareciam muito, e os colegas deles, e as escolas deles, e os nossos vizinhos. Quando escrevi *A Lua Não Está à Venda* dei um exemplar à filha da dona aqui do café. Uns dias depois ela aparece e disse-me: “Já li. Conheço aquela gente toda!” Mas eu não apareço. Talvez o livro que tenha mais a ver comigo seja *Flor de Mel*.

O que é mais importante para si, atualmente?

Para mim, atualmente, o mais importante é ter capacidade para fazer aquilo que eu quero. Ou como dizia a minha avó Gertrudes, “o que é preciso é saúde e paz-que o resto a gente faz.”

Do que teve sempre medo, ao longo da sua vida?

Tive (e tenho, confesso...) pavor de trovoadas...

Aceita facilmente elogios? Ou não se sente muito confortável com eles?

Claro que gosto de receber elogios... Se trabalho tanto, ao menos que eu saiba que serve para alguma coisa... E as pessoas vêm sempre falar-me na rua... Um dia ia eu a entrar em casa, carregada de sacos do supermercado, e um pedreiro do prédio em obras em frente grita para um colega cá em baixo: “Ajuda aí a senhora! Não leste nada dela na escola?!”

Em que lugar prefere escrever?

Só consigo escrever na “minha mesa”. Ou aqui em Lisboa, ou na Ericeira (as minhas duas terras...). Tiro apontamentos em toda a parte, tomo notas... mas escrever... só aqui.

Quem influenciou mais as suas obras?

Quem mais me influenciou foi o escritor brasileiro Erico Veríssimo (que, quando eu era miúda, aparecia muito nos nossos livros da escola, e era muito popular por cá) sobretudo pelos livros *Clarissa* e *Olhai os Lírios do Campo*. Influenciou-me tanto que um dia, já ele tinha morrido (morreu em 1975), pedi ao filho dele, Luís Fernando Veríssimo, jornalista e escritor, que me desse uma foto do pai. E ele deu. Está aqui diante dos meus olhos, pregada na parede mesmo em frente ao computador. E vocês, se puderem, leiam a *Clarissa*. Tenho dado o livro a todos os adolescentes que conheço e todos me dizem “a Clarissa sou eu”. E eu digo: “isto foi escrito em 1939...” E não acreditam...

Quando “era pequena”, o que queria ser quando “fosse grande”?

Quando era pequena queria crescer depressa, para sair de casa. E sempre disse, desde muito criança, que queria ser jornalista. Lá em casa entravam muitos jornais e eu via os jornalistas hoje num sítio, no outro dia noutra sítio diferente... Aquela gente nunca estava em casa! E se havia profissão onde eu pudesse nunca estar em casa... era essa mesmo que eu queria! E foi. Entrei no “Diário de Lisboa” ao 18 anos – e até hoje o jornalismo é a minha profissão.

EDUCAR PARA

a escrita e para a liberdade de expressão

Alguns poemas de amor...

Isabel Viola Professora de Português

Amor

Amor não tem definição
Sei que por vezes é sim outras não
Sei que dói mas tem sempre perdão
Sei que pode acabar sem razão
Mas que marca o coração.

Dizem que os jovens não sabem amar
Dizem que amar muda a nossa forma de visão
E que nós não temos esse nível de emoção.
Dizem que amor é castigo, é perdição,
Que nunca perdoa a traição.

Muito eles dizem sobre paixão
Nada eu sei ao certo
A verdade é que para todos é diferente
E amor é uma contradição.

Madalena de Castro 8.º C

No âmbito do *Dia dos Namorados*, foi proposto às turmas B e C do oitavo ano um concurso de textos que tratassem do sentimento amoroso. Os vencedores, cujo nome foi revelado a posteriori, escolheram fazê-lo através de poemas.

Amantes desaparecidos

Entre estes dois
Houve amor uma vez
Não haverá nem depois
Nem outra vez

Tudo o que sobrou
Foi ódio fingido
E tudo mudo
Como se nada tivesse acontecido

Era um amor ardente
Como nada no mundo
Mas agora ninguém sente
Este amor profundo

Mas lá no fundo
Não estão arrependidos
Era tudo um começo
Para os amantes desaparecidos

Vera Leitão 8.º B

Ilusão da Felicidade

O rosto enche-se
de salpicos rosados
ilumina-se por um largo sorriso,

Os olhos abrem-se
para outra realidade
e apercebo-me da verdade,

Porque no meio do jardim
uma flor apareceu,
meu coração aqueceu.

Nada aconteceu,
Sozinho estou eu.

Pego-lhe nas mãos
e em seus dedos delicados,
e numa dança animada
vão os dois apaixonados.

E os meus olhos já só veem a flor,
Belo e divino, este esplendor,
Tu!

Tiago Lobo 8.º C



21 de março – Dia Mundial da Poesia

Comemora-se a 21 de março o Dia Mundial da Poesia, o Colégio Valsassina assinalou a data com declamações pelas salas de aula, poesia nas árvores do espaço-quinta e exposições de fotografia e objetos que provam que a poesia está na vida de todos os dias, está nas ruas e vive em nós!

"A poesia, em todas as suas formas, é uma poderosa ferramenta de diálogo e de aproximação. Expressão íntima que abre portas aos outros, enriquece o diálogo – fonte de todos os progressos humanos – e tece laços entre as culturas."

Audrey Azoulay Diretora Geral da UNESCO



EDUCAR PARA a língua materna

Brincando com as letras

Mónica Silva Professora de Português

Eu abri a porta, estava lá uma potra vestida com um trapo da tropa. Vi-a a partir um prato que estava lá à porta. Raptaram a potra e optei por chamar a polícia. A polícia topou-a e a potra desatou a fugir.

Madalena Rosário 5.º C

Num dia à noite, uma potra transportava pratos com um trapo enrolado e optou por ir à tropa. Quando abriu a porta, topou um parto aquando de um rapto.

Vasco Leitão 5.º C

Alguém bateu à porta, assustei-me e parti um prato. Foi parecido com a última vez do rapto da tropa e apenas estava a usar um trapo. Depois disso fui andar de potra. Estás a topar? Agora vou partir para Londres.

Leonor Santana 5.º A

Nem sempre aprender a escrever se limita a uma estrutura com regras. Por vezes, é necessário criar um caminho que passe apenas pelas palavras, pelas ideias soltas até se ganhar alguma agilidade mental. É preciso aprender a superar obstáculos. É preciso desfazer o medo da folha em branco. É preciso explorar diversos estímulos. É preciso escrever. Por isso, os alunos do 5.º ano brincaram com as letras **OPTRA**. A partir destas os alunos formaram várias palavras. Não podiam repetir letras nem acrescentar. Individualmente e depois em conjunto chegaram a esta lista:

- RAPTO
- TRAPO
- TOPAR
- OPTAR
- TROPA
- PARTO
- PRATO
- PORTA
- POTRA

Depois desta fase, passou-se ao desafio seguinte: os alunos teriam de escrever o texto mais pequeno que conseguissem com as palavras da lista. Aqui ficam alguns.

Numa manhã, estava eu a limpar o prato com o meu trapo quando, da minha janela, vi a tropa à porta da minha casa.

– Há um rapto! – pensei eu.

Afinal era o parto da potra.

Podia ficar a topar, mas tinha de optar!

Martim Figueiredo 5.º C

“Abril chegou... sê minha!” 130 anos da publicação de Os Maias

Os alunos de 11.º ano do Colégio Valsassina associaram-se às comemorações dos 130 anos da publicação da grande obra de Eça de Queiroz. Enquanto liam e estudavam o livro em aula, realizaram em Sintra o roteiro queirosiano e procuraram Maria Eduarda, seguindo os passos que Carlos da Maia percorre no capítulo VIII da obra. Em Sintra, assistiram ainda à peça de teatro no Centro Cultural Olga Cadaval, pelo grupo de teatro Éter.

De modo autónomo, os alunos visitaram a exposição “Tudo o que tenho no saco – Eça e Os Maias”, organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian. Foi uma exposição enriquecedora, que permitiu aceder a documentos originais, cartas, fotografias,

testemunhos de amigos e críticos de Eça, visualizar excertos de novelas e filmes realizados a propósito da obra queirosiana e ficar, assim, mais

próximos do autor e da sua criação. Abril chegou, terminámos o estudo da obra, conscientes da sua atualidade e da sua pertinência, confiantes que, após tanto tempo e dedicação, esta obra também é (um pouco) nossa.



EM DESTAQUE “Sou mais do que eu”

Joana Baião Professora de Português

O projeto “Sou mais do que eu” do 9.º B começou no 1.º período, com o desafio de escolher um herói ou uma heroína e construir, a propósito da pessoa escolhida, um objeto que equilibrasse simbologia e palavra. Os alunos empenharam-se e mostraram, através de uma exposição no átrio do Colégio durante a Semana das Línguas, quem os inspira na sua viagem, quem os motiva a querer mais, e de quem tomam emprestada a coragem.

Os heróis escolhidos estavam, afinal, por todo o lado: nas famílias (tantos por lá!), nos livros que lemos (heróis sem existência «real», mas que existem, existem!), a escrever ou a cantar as músicas que ouvimos, na história mundial (aqueles que mudaram o mundo para melhor e o fizeram ser como é hoje), à distância de um acesso à Internet, a desafiar o pensamento nas paredes das ruas por este mundo afora...

Cada objeto, em articulação com o texto que o completa, é o símbolo do herói e heroína, é o agradecimento à sua marca na nossa vida!

Uma surpresa feliz esperava os alunos do 9.º B em fevereiro, quando o projeto e a exposição já pareciam ter acabado: o concurso “A melhor carta 2019” organizado pelos CTT tinha como repto “Escrever uma carta sobre um dos teus heróis!”. Resgatámos todos os nossos pensamentos sobre o tema, todo o tempo já dedicado a refletir sobre aqueles que nos fazem ser mais do que nós, escrevemos as cartas que antes eram objeto e enviámo-las a concurso. “Aguardamos os resultados!”

Vários alunos do Colégio participaram também no desafio de escrita dos CTT. A aluna **Inês Paixão**, do 8.º A, desafiada pela professora **Marina Fernandes**, escreveu uma inspiradora carta sobre a sua heroína. Apresentamos um excerto da mesma:

Lisboa, 20 de março de 2019

Caros homens e mulheres que preenchem o mundo,

Acredito veementemente que, quando perguntamos a alguém quem é o seu herói, a maior parte das pessoas consideram como resposta uma das seguintes hipóteses: ou algum famoso com quem nunca trocaram dois dedos de conversa, ou um familiar, amigo muito próximo. Eu, porém, como gosto de fugir à regra (e, admito, até me orgulho disso), não escolho nenhuma delas. O meu verdadeiro herói sou eu.

O que torna alguém um herói aos olhos de outro? Os seus atos, as suas palavras, as suas decisões. E de que forma o outro o admira? Incondicionalmente. Não é por um erro que o herói deixa de ser herói, até o Batman já falhou e continua na montra das lojas de brinquedos.

Eu tomo-me como minha própria heroína. Admiro o caminho que percorri desde pequena e o local em que hoje descanso, rodeada de companheiros, mas, acima de tudo, acompanhada por mim. A vida não é fácil, as quedas fazem parte do percurso e somos obrigados a largar pessoas enquanto o percorremos - por opção própria ou por qualquer outro motivo, elas nunca ficam para sempre. Mas eu estive sempre aqui, tal como um herói permanece junto do seu admirador, desde sempre para sempre. Nunca me abandonei. Continuo a usar as minhas pernas para caminhar, a minha cabeça para resistir e persistir, a minha boca para contrariar o que me destrói, gritando «basta!» quando se torna insuportável.

Não voou, é certo, só na minha cabeça, mas não deixo de chegar alto. Continuo aqui, mesmo quando o escuro toma a luz por garantida e parece que chegou o fim.

Espero, do fundo do meu ser, vir a tornar-me a heroína de alguém, mas não quero que me admirem pelo que tenho, mas sim pelo que sou, pois os ricos são, normalmente, pobres e os pobres são, normalmente, ricos. Quando menos temos, mais temos por alcançar, por deter, mas de nada nos serve deter a maldade, o egoísmo, a inveja e o ódio. Detenhamos, pelo contrário, a bondade, a amizade, a boa disposição.

E a vós que estais desse lado, tornai-vos nos vossos heróis: falem, decidam, admirem-se e sobressaiam.

Um abraço com muita força,



«Quando cheguei a este grupo de teatro, senti-me livre. Senti que tinha encontrado o meu verdadeiro “eu”. Soltei-me das amarras que me prendiam à falta de confiança e à timidez. Libertei-me das minhas preocupações e inseguranças e pude finalmente voar mais alto.»

Joana Rocha 8.º A

«Fazemos parte de uma família que escolhemos para a nossa vida. Ajudamo-nos mutuamente a superar medos e dificuldades, aprendendo sempre algo para lidarmos com situações. O fim-de-semana foi uma oportunidade para nos conectarmos e trabalharmos em equipa.»

Arthur Sampol 7.º C

«Teatro é “positividade”; é um lugar onde somos nós próprios; faz-nos esquecer as nossas preocupações. Este fim-de-semana levou-nos a criar laços mais profundos.»

Henrique Rodrigues 9.º A



«Ao contrário do que muito pensam, o Teatro não é simplesmente entrar em palco com uma luz a encadear-nos a vista e com meia dúzia de falas decoradas. O Teatro trouxe-me felicidade e, acima de tudo, liberdade.»

Maria Madalena 7.º D

Oficinas da humanidade

Paula Gonçalves Professora de Português, **Patrícia Avôes** Professora de Geografia e **Sofia Caranova** Professora de Artes Visuais

Segundo Comenius, “as escolas, fazendo que os homens se tornem verdadeiramente humanos, são sem dúvida as oficinas da humanidade”. É nesta linha que, desde sempre, o Teatro, no Colégio Valsassina, surge como uma linguagem artística ligada à vida social do ser humano, procurando retratá-la e/ou interpretá-la sob diversas perspetivas, procurando ser um meio impulsionador do desenvolvimento social dos alunos enquanto “oficina da humanidade”. O Grupo de Teatro do Colégio propicia aos alunos a vivência de inúmeras situações que os confrontam com o entendimento dos valores de cidadania em diferentes contextos.

Inspirados por esta ânsia de exprimir sentimentos, de criar sonhos, de partilhar experiências e de proporcionar o contacto com a liberdade, a autonomia e o respeito por si e pelo outro, os jovens do Grupo de Teatro do Colégio Valsassina participaram no fim-de-semana do Teatro, que se realizou nos dias 22, 23 e 24 de fevereiro no Palácio dos Marqueses de Ponte de Lima, Universidade dos Valores, em Mafra.

Mais do que uma possibilidade para ensaiar a peça “Dicionário”, inserida no projeto Panos e em parceria com o Teatro Nacional D. Maria II, que esteve em palco no dia 4 de abril, este momento permitiu a cada um revelar um pouco mais de si próprio aos outros, constituindo uma oportunidade de sentirem e partilharem emoções, valores e histórias, tendo sido um momento de crescimento para todos os participantes.

«No Teatro, ganhamos confiança, inspiração, expressividade e vontade. Daqui levarei lições para a vida!» **Carolina Gomes 7.º A**

«Encontrei no Teatro uma segunda família... é incrível como vivo a semana inteira à espera de uma hora e meia para aprender a crescer mais como pessoa.» **Rodrigo Osório 11.º 2**

«O Teatro ajudou-me a ter outras perspetivas sobre diversos assuntos, a ter mais confiança em mim mesma. O fim-de-semana serviu para ensaiarmos afincadamente, mas também serviu para nos conhecermos melhor.» **Sofia Pereira 7.º A**

«O Teatro ensinou-me a ter mais confiança em mim! Encontrei uma família com amigos que não me julgam. O Teatro é expressão e interação. É ser livre! O fim-de-semana foi fantástico.» **Lara Gonçalves 7.º A**

«No grupo de teatro, aprendi a importância da união. O fim-de-semana ajudou-me a sentir-me mais segura, porque estamos todos no mesmo barco a tentar chegar ao mesmo porto.» **Giulia Cunha 7.º C**

«No grupo de teatro, encontrei uma família.» **Mariana Janeiro 7.º A**

EDUCAR PARA

a cidadania, para a História e Cultura

Viver e conhecer a História

Benedita Sarmiento, Maria da Luz Fernandes e Graça Luís Professoras de História



A Escola tem de sair fora de portas, abrir-se ao mundo, à cidade a que pertence. É por isso que todos os anos desafiamos os nossos alunos de 8.º ano a viverem “Um dia na Lisboa das Descobertas”. Visitamos espaços, procurando que os vestígios de outras eras nos transportem a esta cidade que um dia foi centro do mundo. É dessa experiência que surgem estes relatos: no primeiro, é uma pena que nos deixa o seu testemunho, no segundo e terceiro, mercadores regressados de terras do oriente, por fim, um cristão novo, testemunha da intolerância...

Memórias de uma pena

Para vós que estais agora a ver-me na hora da minha morte, sem a mínima noção da minha história, vos conto pelo que passei, através deste pequeno conjunto de memórias que escrevi.

Nem sempre estive perdida no meio das ruas. Outrora pertenci a um nobre navegador. Juntos, navegámos por muitos mares e cruzámos muitas rotas. Era comigo que ele registava todos os acontecimentos ocorridos nas suas viagens.

(...)

Dia 6 de maio de 1505

Graças às correntes marítimas e ao meu pequeno e fino corpo de madeira (depois de muitas aventuras e um naufrágio originado por um ataque de piratas) encontrava-me agora na posse de um humilde artesão da cidade de Lisboa que me recolheu nas finas areias da praia de Algés.

Marco vivia numa pequena casa de madeira nas redondezas da cidade das sete colinas. O meu novo dono era pedreiro e, naquela altura, trabalhava na construção do Mosteiro do Jerónimos. Ele registava tudo o que via num pergaminho, que levava sempre com ele. Como é que ele sabia ler? Uma vez ouvira-o dizer: “Se não fosse o meu bom amigo padre a ensinar-me a ler e escrever quando eu era pequeno, nunca poderia anotar tudo o que vejo”.

Juntos visitámos os mais variados recantos da cidade, desde o Terreiro do Paço, uma grande praça muito movimentada ao pé da Casa da Índia e do Paço da Ribeira, onde o Rei vivia, à movimentada

rua Nova dos Mercadores, com os seus gigantes prédios, os mais altos da cidade, onde se vendiam porcelanas e damascos da China, especiarias da Índia, ouro de Sofala... Também me mostrou a zona do Terreiro do Trigo, onde a sua mulher trabalhava.

(...)

Dia 29 de dezembro de 1521

Muito tempo passara desde que Marco me encontrara. A família dele passava agora por tempos difíceis, e ainda por cima estava muito frio, pois era Inverno.

Ele tivera um acidente no trabalho há uma semana. Um bloco de pedra caiu e desfez a perna de Marco, que foi transportado para o Hospital de Todos os Santos. Embora fosse o maior hospital da Europa, infelizmente não conseguiu salvar o meu amigo. Na hora da sua morte, ele decidiu chamar um padre, mas não um padre qualquer, aquele mesmo padre que o ensinara a ler e a escrever quando ainda era novo, e disse-lhe:

– Nobre padre, que me vês agora à beira da morte, tu deste-me o dom da leitura e da escrita, deixa-me agora oferecer-te o meu bem mais precioso, esta pena de madeira e ouro que há quinze anos encontrei numa praia.

E assim faleceu o meu segundo dono. Não voltei a saber mais da família de Marco, mas espero que esteja bem. (...)

Ricardo Abrantes e Guilherme David 8.º A

Um marinheiro chega a Lisboa

29 de agosto de 1499

Avistámos terra. Víamos braços a acenar. Sentíamo-nos felizes. Passado tanto tempo tínhamos chegado. Fomos bem recebidos. O rei e quase toda a população lisboeta aplaudia-nos (...).

Quando os vi (a minha família) dei-lhes um abraço com toda a minha força. Como o meu menino estava bonito e crescido! E como a minha querida esposa continuava esbelta.

Já tinha saudades da minha terra, da minha cerveja, dos meus amados, saudades das ruas tortas e estreitas, cobertas de mercadores e feirantes, saudades do pôr-do-sol no mar lisboeta com caravelas sempre a vir e a ir.

Saudades de Lisboa.

Margarida Rocha e Diogo Cortesão 8.º B



Hoje, pelo meio-dia, passei-me pela Rua Nova dos Mercadores, onde o caos está constantemente instalado. Na base dos edifícios, erguem-se onze livrarias e duas dezenas de lojas de vestuário, e por toda a rua se vê ouro da Mina, damasco da China, canela de Ceilão, marfim da Guiné. Ouvem-se, no meio de toda aquela densidade de pessoas e produtos, vozes italianas, flamengas, genovesas, e veem-se negros em abundância (o país está, deveras, a abarrotar com essa raça de gente). Os cristãos-novos são cada vez menos, desde 1506, quando os judeus partiram para outros lados da Europa e os muçulmanos para o Norte de África.

Inês Paixão e Leonor Falcão 8.º A



O Testemunho de um judeu

Tudo começou em 1492 quando uns reis espanhóis muito católicos decidiram expulsar do seu país todos os judeus; não me surpreendeu que, apenas 5 anos mais tarde, o rei português tenha feito o mesmo. Em 1497 deram-nos o prazo de um ano para nós, judeus, nos convertermos em cristãos. Quem não o fizesse sofreria terríveis consequências: seria torturado, perderia os filhos ou seria até condenado à morte...

Não me orgulho da conversão. Declaro-me como cristão, mas sofro na mesma. Vejo os meus a serem queimados quase diariamente, não posso fazer nada. Ainda há meia dúzia de dias, em praça pública, com dezenas de cristãos a aplaudir, ateou-se uma das maiores fogueiras que já vi.

Foi um dos poucos dias deste mês em que não choveu. Os Judeus que negaram a conversão tinham um olhar carregado, pesado, já sabiam o que

os esperava. O mau cheiro da cidade sentia-se intensamente, a humidade era muita. No início só se ouvia o silêncio, todos prestavam muita atenção aos judeus que se arrastavam até ao centro do Terreiro do Paço. A multidão misturava cristãos que se divertiam com tudo aquilo e novos cristãos que viam os seus familiares, amigos, vizinhos e colegas a caminhar lentamente para a morte.

Não foi um espetáculo fácil de assistir. O fogo que viria a matar dezenas de pessoas nas próximas horas fazia brilhar os olhos dos mais crentes. E assim foi: entre lágrimas e gritos de dor ensurdecedores percebi que a mulher ao meu lado via o seu irmão a avançar para a fogueira: a sua vez chegara. Assim que ele morreu, ela fingiu caminhar calmamente para casa contendo lágrimas de uma irmã destrozada...

Constança Silva e Catarina Silva 8.º A

EDUCAR PARA a Expressão Artística

Projeto: Painel – Desenho de desenhos

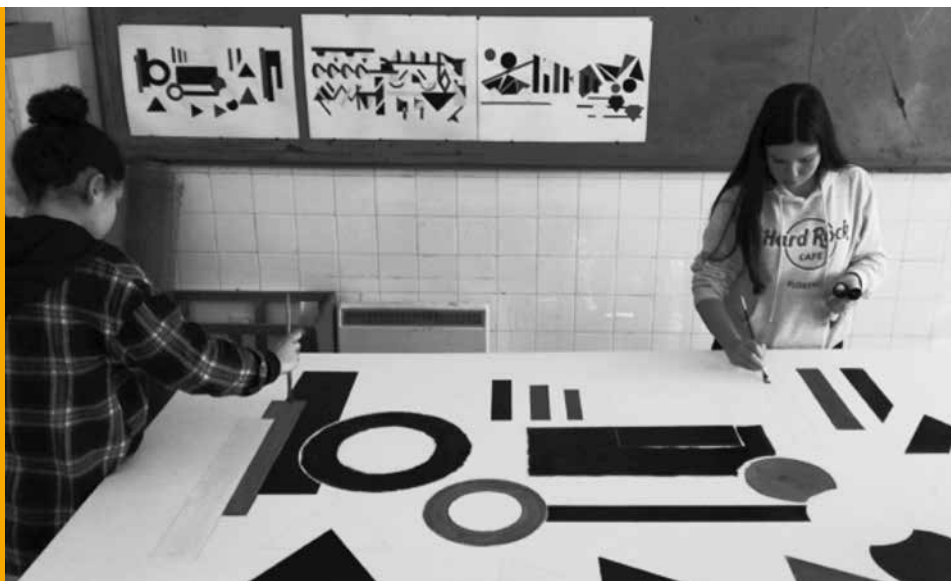
Sofia Caranova Professora de Artes Visuais

No decorrer do 2.º período os alunos do 11.º ano, na disciplina de Desenho A, e inserido no tema *Desenho de Desenhos de artistas portugueses*, desenvolveram uma unidade didática partindo da análise, comparação, discussão e exploração da obra do arquiteto, pintor e pensador português, Nadir Afonso. Durante a realização deste traba-

lho, a Associação de Estudantes do Colégio lançou-nos o desafio de criar um painel para o Pátio da Música. Assim, nasceu a ideia de dar a conhecer a toda a comunidade educativa o trabalho desenvolvido em aula de reinterpretação da obra de um artista tão importante do panorama artístico nacional.

“O homem volta-se para a geometria como as plantas se voltam para o sol: é a mesma necessidade de clareza e todas as culturas foram iluminadas pela geometria, cujas formas despertam no espírito um sentimento de exactidão e de evidência absoluta.”

Nadir Afonso



Processo de trabalho na aula de Desenho A.

“Considero interessante o trabalho desenvolvido na disciplina de Desenho A, baseado na obra do artista português Nadir Afonso.

O facto do meu trabalho ter sido o escolhido para o painel a ficar exposto no átrio da Associação de Estudantes, deixou-me ainda mais motivada para continuar a trabalhar para a disciplina de desenho A.”

Beatriz Miranda 11.º 4



Trabalho final da aluna Beatriz Miranda 11.º 4

EDUCAR PARA o desenvolvimento pessoal e para o futuro

Profissões do Futuro: Preparar os alunos para um mundo em mudança

Joana Carmo Coordenadora do Gabinete Psicopedagógico

Tendo em conta as constantes mudanças com que nos deparamos, o Colégio assume um papel essencial na formação dos alunos, facultando-lhes ferramentas que fomentam a construção da sua própria identidade, quer através do Programa de Orientação Vocacional, quer pelas atividades que integra na sua oferta educativa.

A orientação vocacional, devendo estar presente desde a infância até à fase adulta, pretende ao nível do 9.º ano, sensibilizar os jovens para a necessidade de planearem as suas escolhas vocacionais, tomando consciência dos aspetos que estão na base de uma tomada de decisão, conhecendo-se melhor a si próprios, bem como o seu contexto.

Neste sentido, os alunos passam por várias fases de exploração, tendo como objetivo a **promoção do autoconhecimento**, isto é, perceberem de forma mais sustentada, quais os seus interesses, aptidões, valores, crenças, entre outros. Esta acaba por ser uma altura de desenvolvimento pessoal, mas também de confronto com as expectativas que os outros têm de si, perspetivando-se um maior autoquestionamento que permita caminhar na construção da identidade própria, fazendo-se a ponte entre o passado (fantasias de infância) e o futuro.

Outro foco deste programa assenta num melhor conhecimento do mercado de trabalho atual, sendo desenvolvidas algumas atividades como a *futurália* e o *fórum das profissões*. Aqui os alunos têm a possibilidade de ouvir estudantes e profissionais das várias áreas, que já estiveram no seu papel e que continuam a delinear o seu caminho. Também no ensino secundário (10.º ano) se dá lugar ao programa: *“a minha primeira experiência no mundo do trabalho”*. Estas iniciativas contribuem de forma positiva para aproximar os jovens dos ambientes corporativos e ampliar o conhecimento que têm acerca das profissões.

Paralelamente tem-se assistido a uma constante atenção às tendências encontradas no mercado de trabalho, denotando-se uma capacidade do Colégio se adaptar às necessidades da conjuntura atual, bem como uma preocupação com os desafios do futuro. Esta permanente participação dos vários intervenientes educativos tem sido visível através de vários prismas. Se por um lado, se debatem sistematicamente temas atuais (edições *Gazeta*

“... incluem-se desde cedo, nos currículos, competências que vão para além dos conteúdos das áreas tradicionais de conhecimento.”

Valsassina; Ciclo de Conferências – Valsassina 120), por outro, incluem-se desde cedo, nos currículos, competências que vão para além dos conteúdos das áreas tradicionais de conhecimento.

Todo este ambiente estimula nos jovens a curiosidade e potencia o desenvolvimento de competências que serão essenciais (comunicação, criatividade, pensamento crítico, empreendedorismo...), facilitando a adaptação a uma nova realidade, em que não se podendo prever de forma precisa as profissões do futuro, permite tornar os alunos mais capazes de fazer face às imprevisibilidades resultantes da evolução do conhecimento e da tecnologia.

E numa altura de exigências, em que os novos desafios surgem a todo o momento, é prazeroso perceber que o lado humano não se perde, continuando a sentir-se por parte dos ex-alunos uma ligação ao Colégio, quando contactados para colaborar connosco neste processo.

“Voltar ao Colégio e ver algumas caras conhecidas é sempre muito especial. Foram muitos anos da minha vida, numa altura crucial no crescimento e formação enquanto pessoa! Foi muito bom ver como o Colégio cresceu em projetos, formação e oferta aos seus alunos! É um orgulho!”

Joana Matos Branco Antiga aluna; Médica; Fórum das Profissões 2018/19

EDUCAR PARA a qualidade e excelência

Valsassina mantém sucesso nos Rankings

Direção Pedagógica



No dia 16 de fevereiro deste ano foram divulgados os rankings de escolas, relativos aos exames nacionais de 2018. Muitas informações publicadas nos diversos órgãos de comunicação social traziam dados incorretos e/ou apresentavam comparações entre escolas com um número muito reduzido de exames. Após a disponibilização, pelo Ministério da Educação, da base de dados no site oficial da Direção Geral da Educação mais uma vez se verifica que o Colégio Valsassina se mantém nos primeiros lugares já há vários anos.

De realçar também que se constata a manutenção da presença nos primeiros lugares, em várias disciplinas, como Matemática, Geometria Descritiva, Filosofia, Matemática aplicada às Ciências Sociais e Matemática B, bem com as classificações nos primeiros 20 lugares em Biologia e Geologia e em Geografia.

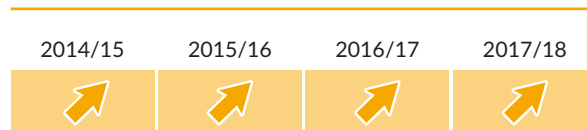
Esta estabilidade do Colégio Valsassina nos exames do secundário, a par da **entrada de 100% dos nossos alunos no ensino superior**, demonstra a consistência das aprendizagens bem como da aquisição de múltiplas competências que vão sendo desenvolvidas ao longo do percurso escolar dos alunos.

Por sua vez, no 9.º ano os resultados dos exames nacionais de Matemática e de Português colocam o Valsassina entre as 20 melhores escolas do país e as 8 melhores de Lisboa.

Ensino Básico (9.º Ano)	2018	
	Média do Colégio Valsassina	Média no Exame Nacional
Matemática A	76%	47%
Português	81%	66%

Em complemento aos resultados nos exames nacionais, destacamos “o indicador da progressão dos resultados dos alunos”, nas disciplinas de Matemática e Português. Nestas, tal como consta dos dados disponibilizados pela plataforma infoescolas, quando se analisa a progressão dos resultados dos alunos da escola entre os exames do 6.º ao 9.º ano, e também do 9.º ano e do 12.º ano, quando comparada com a progressão dos outros alunos do país, verificamos que o Colégio Valsassina apresenta em média um indicador de progressão que está entre os 25% mais altos do país.

Progressão dos resultados dos alunos da escola a Matemática entre os exames do 9.º ano e do 12.º ano, quando comparada com a progressão dos outros alunos do país.



Corroborando, de acordo com uma notícia do Jornal Público, **os alunos do Colégio Valsassina conseguem aprender mais do que a média dos restantes colegas do país, independentemente do ciclo de estudos que frequentem** (Público, dezembro 2016). Por outras palavras, **estes alunos conseguem sempre melhorar em relação ao seu próprio desempenho no final do ciclo anterior, tanto nos resultados do 2.º e 3.º ciclos, como nos do secundário**. Parte deste sucesso prende-se com a possibilidade de os alunos se manterem sempre dentro da mesma escola “dos 3 aos 18 anos”. Esta estabilidade é um dos pontos mais valorizados pelos Pais e Encarregados de Educação aquando da última Avaliação externa (a 4.ª avaliação externa), realizada em 2016, num processo desenvolvido pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Oviedo e da Universidade do Minho. Os outros pontos destacados foram: a exigência do nível de ensino, os valores do Colégio, a segurança, a satisfação com a prestação dos professores e o espaço envolvente.

De referir que este ano letivo está em curso a 5.ª avaliação externa, um processo que se realiza no Valsassina de três em três anos. Oportunamente divulgaremos os respetivos resultados.

Quadro de Honra 1.º P 2018/2019

Do quadro de honra fazem parte os alunos que, no final de cada período, apresentem excelentes resultados escolares (média de 5 no ensino básico e de 17 valores no ensino secundário), quer no domínio curricular quer no domínio dos complementos curriculares. Devem apresentar também um bom comportamento.



Dois alunos do Valsassina entre os 10 melhores na final do *National Public Speaking Competition*

Este ano letivo a final do *National Public Speaking Competition* realizou-se no passado dia 31 de março, na sede do British Council: Participaram 40 finalistas de escolas de todo o país, que apresentaram os seus discursos perante um júri. O Colégio esteve representado pelos alunos **Catarina Ferreira 11.º 1A**, **Federico Cestelli 11.º 1A** e **Pedro Machado 11.º 1B**. Para além das capacidades de comunicação, os discursos apresentados pelos nossos alunos foram muito valorizados pelos valores transmitidos e sentido de ética, sem deixar de provocar e de inovar. Os alunos **Federico Cestelli** e **Pedro Machado** ficaram entre os 10 melhores finalistas.

Número	Nome	Turma
5º ANO		
5529	Marta Vaz dos Santos	5.º A
5084	Vasco Lopes Cardoso Martins	5.º B
5831	Vasco Drummond Borges Isidoro	5.º B
5068	Tomás Carvalho Mateus	5.º C
6496	António Maria de Sampaio Bessone Cabral de Noronha	5.º D
6º ANO		
4896	Vera Maria Rosado Paixão	6.º A
4974	Sofia Simões de Abreu Faro Varandas	6.º A
4992	Leonor Mateus Cintra	6.º A
4947	Mariana Rodelo Francisco	6.º B
5013	Maria Inês Gonçalves Martins Ferreira Alves	6.º B
5043	Beatriz Maria Belmarce Mendes	6.º B
4926	Joana Ferreira Rebelo Neno de Resende	6.º C
4980	Francisca Carvalho Paim da Câmara	6.º C
6207	Manuel Nicolau Saraiva Mendes	6.º D
6277	Maria Rita Borges Leong Coelho Henriques	6.º D
6285	Ana Sofia Alves Andrade	6.º D
6296	Marta Pires Estrela Nascimento Costa	6.º D
7º ANO		
4814	Carolina Paiva Nunes Pereira Gomes	7.º A
4828	Ana Francisca de Sá Vilarça Venâncio Martins	7.º A
5151	Xavier Vilbro Videira	7.º A
4746	Rodrigo da Silva Lages de Carvalho	7.º B
4807	Maria Madalena Brisson Lopes das Neves Nunes	7.º B
4750	Leonor Guerra	7.º C
5992	Beatriz Ferreira Vicente da Costa Garcia	7.º C
4790	Pedro Dias Coelho Tojal Silva	7.º D
8º ANO		
4562	Ricardo Silva Abrantes	8.º A
4585	Inês Maria Rosado Paixão	8.º A
5054	Pedro Nuno Guerreiro Machado	8.º A
5716	Nayir Karim Gulamhussen Rajabali	8.º A
6417	Laura Dias Mendes	8.º A
5720	Jéssica Alexandra Gomes Nunes	8.º B
6321	Pedro Miguel Veloso Gregório de Velasco Martins	8.º B
5347	Madalena de Castro Teófilo Baptista Filipe	8.º C
6353	Carolina Dias Catapirra Gomes Pignatelli	8.º C
6387	Gonçalo Moura Santos	8.º C
4523	Beatriz Mateus Jansen	8.º D
4560	Madalena Patrocínio Carneiro Leitão Santos	8.º D
4682	Simão dos Santos Rodrigues da Silva	8.º D
4824	Tiago Cachadinha Alves da Silva	8.º D
5136	Catarina Sofia Paiva e Silva	8.º D
5756	Mafalda Gonçalves Carreira Gomes de Pinho	8.º D

EDUCAR PARA

a qualidade
e excelência

Número	Nome	Turma
9º ANO		
4330	Maria Saldanha Campelo de Almeida	9.º A
4370	Joana Alves Pereira de Ferreira Monteiro	9.º A
4401	Rafael Gueifão Cruz	9.º A
4808	Inês Pereira Poiães Mourinho Félix	9.º B
4357	Dinis Carvalho Pires Alves da Silva	9.º C
5194	Inês Madeira de Almeida Ribeiro	9.º C
5517	Maria Madalena Marques Pires de Carvalho Pastilha	9.º D
5614	Miguel Velho Cabral da Rocha Henriques	9.º D
5615	Susana Wu Wang	9.º D
5701	Rita Veloso Dias Simões	9.º D
6175	Constança Edviges Guedes Lourenço	9.º D
10º ANO		
4234	Duarte Rebelo de São José	10.º1A
4242	Sofia Correia Braz Lopes Simas	10.º 1A
4556	Vera Godinho Ferraz Leal	10.º 1A
4670	Inês Maria dos Santos Rodrigues da Silva	10.º 1A
4830	Rui Miguel de Sá Vilarça Venâncio Martins	10.º 1A
5195	Inês Lourenço Galvão	10.º 1A
5420	Maria Joana Facha Loureiro de Brito	10.º 1A
5428	Maria Carolina Brito Caiado Correia Alemão	10.º 1A
6531	Beatriz Vaz de Matos Abreu	10.º 1A
4219	Pedro Miguel Glória Silva Rodrigues Gomes	10.º 1B
4258	Francisca Machado Luís	10.º 1B
4506	Inês Cachadinha Alves da Silva	10.º 1B
4584	Maria Inês Dias Portela Caldeira	10.º 1B
6100	Luísa de Melo Borges Gracias Fernandes	10.º 1B
6544	João Pedro Matta	10.º 1B
6609	Tomás Sobral Teixeira	10.º 1B
4199	Marta Jesus Maurício	10.º 2
4265	Lourenço Nuno Morgado Centeno	10.º 2
4540	Joana Ordaz Silveira Leitão	10.º 2
5443	Francisco D'Orey Santiago Craveira Neves	10.º 2
6555	Diogo Sá Leão	10.º 3
6606	Beatriz de Brito Freitas	10.º 3
6620	Fernando Calhman de Miranda Fonseca	10.º 3

Número	Nome	Turma
11º ANO		
4013	Ana Sofia Torre Amaral	11.º 1A
4124	João Diogo Teixeira Gomes	11.º 1A
6016	Fábio Moraes Studart	11.º 1A
6372	Ana Marta Lopes Carvalho de Sousa Bastos	11.º 1A
5288	Teresa Castro Gaspar Cortesão Correia	11.º 2
5977	Diogo Salvador Pinto Zuzarte Leite Campos	11.º 2
4018	Catarina Ribeiro Luís Marques	11.º 3
12º ANO		
3887	Catarina Ferreira Vicente Silva Nunes	12.º 1A
3892	Duarte Tomás Cardoso Rézio Martins	12.º 1A
3895	Francisco Gameiro da Costa Martins Pedro	12.º 1A
4257	Afonso José da Costa e Ervideira Coalho	12.º 1A
4259	Francisca Madeira Fonseca	12.º 1A
4387	Maria Laura Cortez Mota	12.º 1A
4440	Ana Luísa da Silva Sampaio Soares Machado	12.º 1A
5037	João Ricardo Almeida de Montalvão e Silva	12.º 1A
5088	Madalena Oliveira Mendes Varela Monteiro	12.º 1A
5811	Maria Pereira de Vasconcelos Marques Gomes	12.º 1A
5822	Berke Duarte dos Santos	12.º 1A
6334	Tiago Teixeira Salem	12.º 1A
3881	Afonso Maria Pissarra Mendonça Centeno Neves	12.º 1B
4256	Diogo Oliveira Marques Adegas	12.º 1B
4647	David Godinho Vieira Duarte Soares	12.º 1B
5092	Sofia Maria Duarte Ferrão	12.º 1B
5116	Pedro Miguel Martins Rocha Nunes Dias	12.º 1B
5130	Rita Frada Reis Vieira	12.º 1B
5148	Afonso Brito Caiado Correia Alemão	12.º 1B
4231	Rodrigo Nascimento Coisinha Marques dos Santos	12.º 2
4266	João Pedro Morgado Centeno	12.º 2
4382	Miguel de Vasconcelos Florêncio	12.º 2
5079	Teresa Santos Costa Cabral	12.º 2
5131	Maria Leonor Miguel Neto	12.º 2
5152	João Afonso Nobre das Costa Fernandes	12.º 2
5218	Soraia Sofia Santos Silva	12.º 2
4213	Patrícia Teixeira Belo Marques	12.º 3

Semana das línguas

A Semana das Línguas decorreu entre os dias 28 de janeiro e 01 de fevereiro de 2019.

Nesta semana dedicada às línguas estrangeiras – Inglês, Francês, Alemão e Espanhol – e à Língua Portuguesa, pretendeu-se promover uma relação ativa, criativa e crítica dos alunos com os conteúdos curricularmente previstos, com vista à construção de um conhecimento sobre a língua, a literatura e a cultura, valorizando-as enquanto património de uma comunidade. As atividades dirigiram-se aos diversos níveis de ensino, e permitiram divulgar trabalhos, performances, exposições e concursos dinamizados pelos alunos.

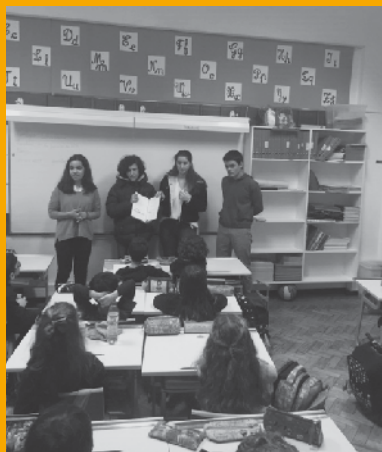
Semana das Línguas: Inglês no Jardim de Infância e no 1.º ciclo

Marta Arrais Professora de Inglês

Na última semana do mês de janeiro decorreu mais uma Semana das Línguas. Este ano, os temas que desenvolvemos com os alunos do Jardim de Infância e do primeiro ciclo relacionaram-se com *Storytelling* e *Typical Food*. Um dos momentos mais marcantes desta semana foi, precisamente, a existência de um almoço temático que incluía *burger and chips* e, ainda, um lanche tipicamente britânico com *scones, jam and tea*. Todos os alunos ficaram realmente felizes!

Já em sala de aula, todos os alunos puderam explorar os temas anteriormente referidos, com as suas professoras, entre outros. Os alunos dos 3, 4 e 5 anos ouviram e trabalharam a história *The very hungry caterpillar* da autoria de *Eric Carle*. Os alunos do primeiro ano participaram no concurso *Show and Tell*. Os alunos do segundo ano realizaram o quiz *Who wants to be an English expert (for kids)*; os alunos da turma B tiveram ainda a oportunidade de ouvir uma história contada por alguns alunos do nono ano. Os alunos do terceiro ano elaboraram, em grupo, alguns *British Menus* que foram expostos no átrio do primeiro ciclo. Finalmente, os alunos do quarto ano puderam participar num *Reading Contest*, colocando à prova as suas capacidades leitoras.

Foi desta forma que vivemos mais uma semana das línguas: aproveitando para conhecer mais sobre a cultura britânica e sobre a língua inglesa.



Valsassina no Festival RobôOeste

Nos dias 26 e 27 de janeiro realizou-se o Festival RobôOeste, em Torres Vedras. O Colégio participou pela primeira vez num evento de Robótica. Participaram duas equipas: os alunos Luís Henriques 6.º A, João Teixeira 6.º C, e Inês Miranda 6.º D foram acompanhados pelo professor de Robótica Pedro Rosa; e os alunos do 8.º C Matilde Carvalho, Vicente Silva, Gonçalo Santos foram acompanhados pelo professor de Física Pedro Jorge. Durante estes dias tiveram a oportunidade de montar, programar e testar um robô, aplicar novas tecnologias assim como aprender a programar em novas linguagens.





Semana da Informática

José Rainho Professor de Informática

Realizou-se de 25 de fevereiro a 8 de Março a 13.ª edição da Semana da Informática do Colégio Valsassina. Tal como já vem sendo hábito, todos participaram com entusiasmo em vários jogos e atividades, desde o concurso Pesquisa Relâmpago em que os alunos do 5.º ano tinham de provar que eram rápidos a encontrar informação na Web, até à grande competição Side-Quest, em que todo o 7.º e 8.º ano demonstrou com brilhantismo os seus conhecimentos de Informática. Os alunos do 12.º ano competiram no concurso CodeThisNow, uma competição de programação em que foram desafiados a implementar um algoritmo complexo no menor tempo possível. Mas a "prova rainha" do evento foi, como sempre, a Caça ao Tesouro, na qual participaram centenas de alunos, desafiando enigmas digitais através de uma sequência progressivamente mais complexa de páginas Web. Celebrou-se também, durante esta semana temática, o Mês da Internet Mais Segura, e foram dinamizados workshops de identificação de emails fraudulentos, intitulados "Phishing is Fake", com a participação dos alunos de TIC do 3.º Ciclo. Foram muito proveitosas e todos esclareceram as suas dúvidas sobre uma das principais ameaças da Web atual.

Fim de semana da Educação Física

Este ano, pela primeira vez, o Valsassina organizou, para um grupo de alunos de 8.º ano, um fim-de-semana da Educação Física, em que o "ginásio" foram as pistas da estância de ski de Bêjar. Foi entre 21 e 24 de fevereiro.

Depois de seis horas de viagem (longas, mas divertidas), chegámos, já de noite! O hotel acolheu-nos bem, atendendo ao que precisávamos. Na manhã seguinte, começou a real diversão: pudemos, finalmente, calçar as botas e os skis (sem esquecer o capacete) e ir para as pistas. Os professores Nuno e Miguel foram connosco, dando-nos liberdade para fazer quase tudo. Tivemos, no total, dois dias de ski, com muita aprendizagem e diversão.

O melhor, porém, foi mesmo o ambiente: quando saímos dos portões do Colégio, começámos a falar com outras pessoas do nosso ano com que nunca tínhamos conversado, e fomos, dessa maneira, aumentando o nosso grupo de amigos. Entre jogos, conversas e animação, todos falavam com todos, pelo que o grupo que veio originalmente de Lisboa parecia ainda maior no final da viagem.

Um obrigado ao Colégio, à professora Elsa Braz, ao professor Nuno Costa e ao professor Miguel Pombeiro por organizarem atividades tão giras como esta.

Inês Paixão 8.º A

Concerto solidário com a artista Catarina Munhá

Dia 25 de fevereiro realizou-se um Concerto Solidário, integrado nas comemorações dos **120 anos do Valsassina**.

Contou com a presença da artista **Catarina Munhá**, antiga aluna do Colégio, e com a participação das turmas 5.º A, 5.º C e 6.º A, que participam no projeto "Ajuda como Podes" da Associação 1%, e ainda com o Coro Infantil.

A contribuição solidária consistiu na aquisição de um livro, à venda no próprio dia do Concerto. Os livros adquiridos foram entregues à **Associação Tempo de Mudar**, uma ONG que trabalha para o Desenvolvimento do Bairro dos Lóios, bairro vizinho do Colégio Valsassina na Freguesia de Marvila, cuja biblioteca foi iniciada no ano passado no âmbito do projeto "Ajuda como Podes".



ACONTECEU



Trabalho coletivo – Painel sobre o “Pátio da Estrela”

Os alunos do Jardim de Infância elaboraram um painel coletivo ilustrativo do Pátio da Estrela que ficou colocado na parede do bar, na entrada do Colégio.

Encontro com o Professor Sobrinho Simões

No dia 27 de fevereiro os alunos de Ciência Política do 12.º ano participaram num encontro com o Professor Sobrinho Simões. Esta sessão decorreu no Palácio de Belém no âmbito do Programa “Cientistas no Palácio”.

Prova de seleção interna para as Olimpíadas Nacionais de Filosofia

No passado dia 28 de fevereiro, alguns alunos do Ensino Secundário realizaram uma prova de seleção interna, ensaiando um de quatro tópicos filosóficos. Os alunos **Francisca Luís 10.º 1B** e **Diogo Canas 10.º 1A** serão os representantes do Colégio na prova nacional, a decorrer em maio, na ES António Damásio, em Lisboa.

Aluna do 11.º venceu o Concurso do Canal Fox

A aluna **Leonor Paim 11.º 1A** venceu, com a melhor descrição de uma personagem, o Concurso do Canal Fox intitulado "Personagem sem casa". A personagem escolhida foi Angus Macgyver da série "Macgyver".

Peças de Teatro em Inglês – Jardim de Infância e 1.º Ciclo

Marta Arrais Professora de Inglês

No final do primeiro período, todos os alunos do primeiro ciclo assistiram a uma peça de teatro, em língua inglesa, dramatizada pela companhia de teatro *Calliope Theatre Company*. A peça intitulava-se: *Cinderella*.

No passado dia 5 de Fevereiro, pelas 10h30m, os alunos dos 4 e 5 anos assistiram a uma peça de teatro, em inglês, dramatizada pela companhia de teatro *Cokavi Theatre Company*. A peça intitulava-se: *Alice in Wonderland*. Os alunos interagiram com os atores durante a peça e puderam participar de uma forma ativa em diferentes momentos da mesma.

Entendemos que os alunos podem desenvolver as capacidades que necessitam para a aprendizagem de uma língua estrangeira de uma forma divertida e criativa, também através do teatro.

Encontro com o Cientista Miguel Araújo no Palácio de Belém

No dia 5 de fevereiro os alunos de Educação para a Cidadania do 12.º ano participaram num encontro com o investigador Miguel Araújo, um dos maiores especialistas mundiais em alterações climáticas e biodiversidade. Esta sessão decorreu no Palácio de Belém no âmbito do Programa “Cientistas no Palácio”. O geógrafo Miguel Bastos Araújo, investigador da Universidade de Évora, é o vencedor do Prémio Pessoa 2018.

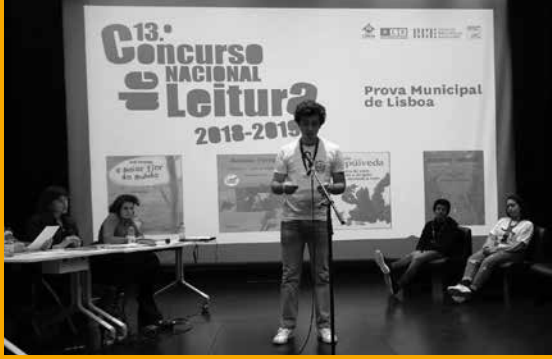


Sessão do Ministério da Educação sobre Educação Inclusiva

A entrada em vigor no corrente ano letivo do Decreto-Lei nº54/2018, de 6 de Julho, trouxe às escolas um desafio de adaptação e de mudanças ao nível organizacional ao qual temos procurado dar resposta. Assumindo uma perspetiva claramente inclusiva, o presente decreto-lei introduziu algumas mudanças. Neste contexto, no dia 6 de fevereiro realizou-se uma sessão dinamizada pela **Dra. Luísa Ucha**, adjunta do secretário de estado da educação, intitulada “Inclusão e Educação”, que contou com a presença de todos os professores do Colégio.

Encontro com o escritor Nuno Matos Valente

Os alunos do 5.º Ano receberam o escritor Nuno Matos Valente, um escritor português de livros juvenis. Na sua obra destaca-se a trilogia *A Ordem do Poço do Inferno*, recomendada pelo Plano Nacional de Leitura, e o *Bestiário Tradicional Português*, primeiro livro que reúne e ilustra extensivamente as criaturas tradicionais do imaginário português. Foi uma sessão que suscitou um grande interesse e participação dos nossos alunos.



Sessão com Professor Alexandre Castro Caldas

No dia 27 de março realizou-se a sessão “Quando o cérebro do seu filho vai à escola”, dinamizada pelo Professor Alexandre Castro Caldas. Os mais recentes desenvolvimentos no conhecimento do cérebro e o crescente interesse na sua aplicação para a área da educação levam à necessidade de clarificar e distinguir factos científicos de extrapolações precipitadas. Foi este o mote para uma sessão dirigida a pais e professores.

Sessão sobre a adição na adolescência

A adição na adolescência foi o tema de uma sessão dinamizada pelo Doutor Hugo Faria, pediatra e Coordenador da Unidade de Medicina do Adolescente do Hospital CUF Descobertas. Esta sessão envolveu todos os alunos do 10.º ano e realizou-se no dia 29 de março.

ACONTECEU no desporto



Concurso Nacional de Leitura

No passado dia 20 de fevereiro, teve lugar a fase Municipal da 13.ª edição do Concurso Nacional de Leitura, na Biblioteca de Marvila, com os alunos Duarte Martins 12.º 1A e Madalena Carvalho 10.º 4. Foi apurado para a fase Intermunicipal o aluno Duarte Martins 12.º 1A.

Parlamento dos Jovens, Sessão Distrital

No passado dia 26 de fevereiro, os alunos Afonso Carvalho 12.º 1B, Berke Santos 12.º 1A e Francisco Pedro 12.º 1A representaram o Colégio Valsassina na Sessão Distrital do projeto Parlamento dos Jovens 2019 – Alterações Climáticas, Reverter o Aquecimento Global, que decorreu no Centro Cultural de Moscavide.

Projeto “O Pinto vai à Escola”

No dia 12 de março iniciou-se o desenvolvimento do projeto “O Pinto vai à Escola”. Este visa organizar e sistematizar a incubação de 20 ovos de galinhas, os quais pertencem a três raças autóctones (Pedrês Portuguesa – 9 ovos, Preta Lusitânica – 4 ovos e Amarela – 7 ovos). Com este projeto pretende-se proporcionar aos alunos uma experiência prática na produção animal, salientar a importância da conservação/produção de raças autóctones na sustentabilidade dos ecossistemas. O projeto será acompanhado por alunos do 5.º ano, na disciplina de Ciências Naturais.

Campanha por Moçambique

Aliando-nos ao movimento solidário de auxílio às vítimas do ciclone Idai em Moçambique apelámos uma vez mais à generosidade da nossa comunidade educativa. Colaborámos com a Helpo, Organização Não Governamental para o Desenvolvimento, que intervém, há já 11 anos em Moçambique, junto de crianças desfavorecidas e que lançou uma intervenção de emergência, na área do acompanhamento e tratamento de mulheres grávidas, lactantes e crianças até aos 5 anos, na área da desnutrição e complicações associadas. Até ao dia 5 de abril foram recolhidos bens alimentares e produtos para higiene e desinfeção.

Valsassina vence 3.º Torneio de Infantis A de Voleibol

No dia 9 de março as equipas de Voleibol de Infantis A, masculina e feminina, venceram o 3º Torneio de Infantis A do Desporto Escolar. O torneio realizou-se no ginásio do Valsassina.

Voleibol do Valsassina vence mais um torneio do Desporto Escolar

No passado dia 23 de março a equipa masculina de infantis A conseguiu mais um 1.º lugar e a equipa feminina um 2.º lugar.

Alunos do Colégio em destaque no Circuito de Ténis do Desporto Escolar

Os alunos do Colégio Valsassina voltaram a estar em destaque no Circuito de Ténis do Desporto Escolar Lisboa/Amadora/Oeiras/Cascais/Sintra 2018/2019.

O bom desempenho dos alunos do Colégio Valsassina, no 2.º Torneio do Circuito de Ténis do Desporto Escolar Lisboa/Amadora/Oeiras/Cascais/Sintra, permitiu-lhes reforçar a liderança do Circuito em diversos escalões. De destacar no 2.º Torneio do Circuito o 1.º e 3.º lugares da Joana Parreira e da Maria Valente nos Infantis A femininos, o 2.º e 3.º Lugar do Manuel e Duarte Mendes nos Infantis A masculinos, e o 1.º da Leonor Paim nos Juvenis femininos.

Vai acontecer... **abril**

- Viagem de finalistas 9.º ano: Roma
- Viagem de finalistas 12.º ano: Cabo Verde
- Inauguração do Largo Frederico Valsassina
- Semana da Terra
- Final da fase intermunicipal do Concurso do Plano Nacional de Leitura
- Ações de conservação do talhão do Valsassina no Parque Natural de Sintra-Cascais

maio

- Apresentação de trabalhos no Congresso Cientistas em Ação
- Participação na Final Nacional das VIII Olimpíadas da Filosofia
- Conferência sobre Educação no âmbito das Comemorações dos 120 anos do Valsassina, Fundação Calouste Gulbenkian
- Lanche com ciência: apresentação de trabalhos de alunos do 1.º ciclo e do secundário
- Jantar de finalistas

junho

- Dia na Escola, 1 de junho
- Concerto da Primavera
- Alunos em ação no âmbito do Programa “A minha primeira experiência no mundo do trabalho”
- Primeira Comunhão

julho

- Atividades de tempos livres nas férias

Blogues do Valsassina

Acompanhe na blogosfera algumas das atividades do Colégio Valsassina

Arte na Escola

“Arte na escola” é um espaço onde se pretende divulgar e dar a conhecer as atividades realizadas nas disciplinas de vertente artísticas no Colégio Valsassina, desde o 1.º Ciclo até ao Ensino Secundário: <http://www.evtvalsassina.blogspot.pt>

Educação Ambiental e Educação para o Desenvolvimento Sustentável

Atividades do projeto ecoValsassina: <http://geracaoecovalsassina.blogspot.pt/>

Ciência, ensino experimental, projetos de investigação dos alunos

<http://biovalsassina.blogspot.pt/>

Combater as alterações climáticas numa Low Carbon School

<http://co2amais.blogspot.pt/>

Cultura, literatura, escrita

<http://15menosumquarto.blogspot.pt/>

<http://os20versosdavalssa.blogspot.pt/>

Evocação do centenário da I Grande Guerra

<http://omaioirmuseudomundo.blogspot.pt/>

Edições da Gazeta Valsassina disponíveis em:





120

COLÉGIO
VALSASSINA

